



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**Mestrado em Ciências Religiosas**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**JOEL PEDRO SILVA VALENTE**

## **DEUS E O MUNDO ENVOLVIDOS PELO MISTÉRIO**

Uma reflexão a partir da Unidade Letiva “Deus, o grande Mistério” do 9.º ano do Ensino Básico do programa de Educação Moral e Religiosa Católica

Relatório final da prática de ensino supervisionada  
sob orientação de:  
Profª Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

**Braga**  
**2017**

“Hoje Deus é verdade!  
Passem para cá papel e tinta.  
Se preferem, escreverei a sangue esta notícia:  
Deus é verdade como o sol.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Sebastião da Gama (poeta português do século XX).

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por tudo o que me concede.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda, pelos contributos e sugestões recebidos, frutos da riqueza de experiências e conhecimentos.

Agradeço ao Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro, especialmente à Professora Isabel Maria Andrade Baptista, pela disponibilidade e apoio prestado no decurso da lecionação da unidade letiva.

Por fim, mas com um agradecimento muito especial, à minha família e amigos, por todo o carinho e apoio, sem os quais nada teria sido possível.

Muito obrigado a todos.

## Siglário

<b>AAS</b>	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
<b>CaIC</b>	Catecismo da Igreja Católica
<b>DV</b>	VATICANO II, Constituição <i>Dei Verbum</i>
<b>EMRC</b>	Educação Moral e Religiosa Católica
<b>GE</b>	VATICANO II, Declaração <i>Gravissimum Educationis</i>
<b>GS</b>	VATICANO II, Constituição <i>Gaudium et spes</i>
<b>PL</b>	Patrologia Latina
<b>SC</b>	VATICANO II, Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>
<b>SNEC</b>	Secretariado Nacional de Educação Cristã

# Índice

Siglário .....	4
Resumo.....	6
Introdução .....	7
1. – DEUS E A EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA .....	9
1. – A educação como proposta cristã.....	9
2. – Ser professor na atualidade .....	13
3. – Apresentar Deus é a proposta de EMRC?.....	16
4. – Síntese .....	19
2. DEUS MISTÉRIO DO MUNDO – O MUNDO MISTÉRIO DE DEUS .....	20
1. – Deus mistério do mundo .....	20
1.1. – Diferentes aproximações ao mistério .....	20
1.2. – Desígnio libérrimo de Deus – A revelação do Amor .....	25
1.3. – Deus - Trindade no mundo.....	29
2. – O mundo mistério de Deus.....	32
1.1 – A arte de “dizer” Deus .....	32
1.2 – Linguagem visual – a iconografia .....	36
1.3 – Linguagem auditiva – a música.....	38
1.4 – A fé e o testemunho para expressar a relação com Deus .....	41
3. – Síntese .....	46
3. - PROPOSTA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “DEUS, O GRANDE MISTÉRIO” .....	47
1. – Caracterização da Escola - Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro e da turma A e C .....	47
2. – Apresentação do tema: Deus, o grande mistério .....	50
3. – Planificação e planos de aula.....	52
4. – Avaliação da unidade letiva .....	77
5. – Síntese .....	82
Conclusão.....	83
Bibliografia .....	85
Anexos.....	89

## **Resumo**

O presente Relatório final da Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas com especialização em Educação Moral e Religiosa Católica. A PES foi realizada no Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro, na turma A e C do nono ano de escolaridade. A lecionação incidiu sobre a Unidade Letiva 2 “Deus, o grande Mistério”. Este Relatório pretende apresentar uma reflexão teológica, pedagógica e didática da referida Unidade Letiva. A iniciativa do encontro entre Deus e o ser humano parte de Deus que é Amor e é Mistério. Deus revela-se no mundo e dessa forma nós podemos entrar em relação com Ele. Deus é Mistério que ultrapassa a compreensibilidade humana.

**PALAVRAS – CHAVE:** Deus, Educação, Mistério, Mundo.

## **ABSTRACT**

The present Final Report of the Supervised Teaching Practice (STP) was elaborated within the scope of the Master's in Religious Sciences with specialization in Moral and Catholic Religious Education. STP took place at the Tondela Tomaz Ribeiro School, in the classes A and C of the ninth grade. The lecture was focused on the Unit Lesson Number 2 "God, the Great Mystery". This Report intends to present a theological, pedagogical and didactic level of reflection of the referred learning unit. The initiative of the encounter between God and the Human being becomes from God who is Love and it is Mystery at the same time. God reveals in the world and, on that way, we can be in direct relation with Him. God is Mystery that goes beyond Human comprehensibility.

**KEY WORDS:** God, Education, Mystery, World.

## **Introdução**

O presente trabalho surge no contexto da Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada no ano letivo 2016-2017, no Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro, na turma “A e C” do 9.º ano de escolaridade. Nessa turma desenvolvemos a unidade letiva 2, “Deus, o grande mistério”, seguindo o programa nacional e oficial de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).

É uma oportunidade de aprendizagem e de crescimento como pessoa e docente de EMRC e, ao mesmo tempo uma descoberta pedagógica. Na articulação do programa e na planificação que elaborámos fomos procurando recorrer a diferentes estratégias e diversas dinâmicas, de modo a fomentar o interesse pelo tema e fazer crescer os alunos na aquisição de conhecimentos, competências e valores.

Neste empreendimento pedagógico foi fator de análise a turma, o contexto escolar e social específico deste estabelecimento de ensino e, a especificidade de cada aluno. O tema do presente relatório surge a partir da Prática de Ensino Supervisionada como desafio de pensar Deus num sentido de descoberta e acolhimento.

Foi nosso objetivo trabalhar este tema, em primeiro lugar, pelo facto de que os alunos manifestam pouco entusiasmo quando se tem que falar de Deus e no que isso acarreta. Trabalhar este tema foi como que um desafio abraçado por nós, procurando que os alunos não sintam Deus distante, mas próximo, pois Ama todas as pessoas mesmo aqueles que O negam ou não têm conhecimento D’Ele. Em segundo lugar, perante a complexidade e profundidade da questão de Deus, tornar possível o diálogo e a reflexão nas idades da adolescência (13 a 15 anos).

O desenrolar desta reflexão assenta em três etapas distintas, mas que se relacionam entre si e a metodologia utilizada foi a norma Chicago A 16.<sup>2</sup> O primeiro capítulo procura refletir educação num contexto cristão, analisa-se posteriormente o perfil do professor, e de forma particular o professor de EMRC. No fim do primeiro capítulo realça-se a importância e a finalidade da disciplina e estabelece-se a distinção entre catequese e EMRC, respondendo à questão: Apresentar Deus é a proposta de EMRC?

No segundo capítulo, segue-se uma reflexão sucinta e fundamentada da temática (dentro das limitações da linguagem humana) – Deus, mistério do mundo e o mundo mistério de Deus. É uma abordagem que se deve fazer com “bisturi”, isto é, a abordagem de Deus situa-se numa possibilidade e numa insuficiência de linguagem que precisam de ser trilhadas com muita precisão. Recorrendo à arte (iconografia e música) para falar da beleza divina, conseguimos apenas traçar tão grande mistério através da autorrevelação de Deus. Tem este capítulo subjacente o objetivo de percorrer e preparar o caminho que levará à apresentação de uma proposta de trabalho final na terceira e última parte desta reflexão.

No terceiro capítulo apresenta-se uma proposta pedagógica e didática onde consiste a aplicação do tema: “Deus, o grande mistério”, na turma A e C do 9.º ano. Foi analisado o tema e a sua articulação na turma, preparadas as planificações e os planos de aula e avaliada cada aula, como forma de estímulo e melhoramento didático-pedagógico.

---

<sup>2</sup> [http://www.chicagomanualofstyle.org/tools\\_citationguide.html](http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html)

## **1. – DEUS E A EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**

O ponto de partida deste capítulo assenta na tentativa de responder a uma questão: A finalidade da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é apresentar Deus?

Com uma breve reflexão acerca da educação e do sentido que deve incorporar como proposta cristã, seguimos o encadeamento de nos debruçarmos acerca do perfil do professor alicerçado no perfil de Cristo que ensina com verdade e liberdade.

Por fim, conseguimos chegar ao pensamento de que o ser humano deve ser apologista de uma educação que se centra nos valores evangélicos e que não deve movimentar-se à margem dessas orientações.

### ***1. – A educação como proposta cristã***

No início deste capítulo é importante uma breve reflexão acerca do conceito de “Educação”. Aliás, enquadrámos melhor no objetivo e na finalidade para o qual é desenvolvido todo o trabalho de investigação.

Proveniente do latim, o termo “educação” (de *educare*) transporta em si um duplo sentido, por um lado, relaciona-se com *alimentar*, por outro lado, tem a ver com o *tirar para fora de*. Percebemos assim que a educação assenta em dois métodos distintos. Ao longo dos tempos têm surgido alguns antagonismos, porque se dá mais ênfase a um método em detrimento do outro e vice-versa, contudo, a leitura correta é a da complementaridade dos dois processos de ensino-aprendizagem. Quando nos referimos que a educação tem a função de “alimentar”, estamos a colocar o educador preocupado mais com a transmissão de conhecimentos, quando mencionamos que a função é “tirar para fora de” centramos a preocupação do educador no estimular e capacitar os alunos para que desenvolvam as suas qualidades e virtudes.

Numa leitura correta e sem fazer sobressair uma em prejuízo da outra, ambas as metodologias têm que se articular para que se consiga uma educação mais sólida e saudável. A educação do ser humano não está balizada na idade escolar, porque é transversal a todas as faixas etárias. “A educação é tarefa de toda a sociedade”<sup>3</sup>.

João Boavida e João Amado, na sua obra, *Ciências da Educação epistemologia, identidade e perspectivas* referem que “A realidade educativa é, pois, algo demasiado rico e complexo, que transcende em muito o meio escolar e a sua problemática específica, com modalidades e formas concretas, antes e depois desse período restrito de formação, e que se manifesta de uma maneira evidente, e sempre, em todas as culturas desde os primórdios da humanidade, como é o caso da educação familiar e de muitas outras formas de educação informal.”<sup>4</sup> É desde o nascimento da pessoa que a educação surge como uma tarefa nobre e das mais importantes.

A educação oferecida pela “família, depois pelo jardim de infância ou pela escola, constitui portanto apenas as primeiras malhas de longa cadeia que passará pela escola a fim de se prolongar muito longe na vida do indivíduo.”<sup>5</sup>

Antes de um indivíduo entrar no meio educativo para uma formação educacional escolar, já tem em si determinados conhecimentos que foi adquirindo no ambiente familiar. Neste sentido, o *Compêndio de Doutrina Social da Igreja* afirma que a primeira escola é o seio familiar, pois ocupa o centro e é o princípio da vida social.<sup>6</sup>

O amor dos pais coloca-se como o alicerce de toda a educação familiar. Sendo os pais, ou a família, os responsáveis pela educação dos filhos, desde o momento do nascimento, não são os únicos neste processo formativo.

---

<sup>3</sup> Olegario González De Cardedal, *Educación y educadores, El primer problema moral de Europa* (Madrid: PPC Editorial y distribuidora, 2005), 8.

<sup>4</sup> João Boavida e João Amado, *Ciências da Educação epistemologia, identidade e perspectivas* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008), 160.

<sup>5</sup> Gaston Milaret, *As Ciências da Educação* (Lisboa: Moraes Editores, 1996), 15.

<sup>6</sup> Cf. Conselho Pontifício Justiça e Paz, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja* (Principia, Estoril, 2005), nº 210 e 211.

A escola tem uma importância especial relativamente a todos os outros meios de educação.<sup>7</sup> A escola e todo o sistema educativo são um meio privilegiado para a formação integral do aluno onde é possível construir significados e valores na vida de cada pessoa. Na atualidade, a escola “deve estar atenta a todas as dimensões constitutivas da pessoa, de modo a poderem ser trabalhadas em ordem à personalização do educando”<sup>8</sup>.

A Conferência Episcopal Portuguesa fala da educação como “uma verdade fundamental da sociedade. Dela depende, decididamente, o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens, e a qualidade do progresso da sociedade.”<sup>9</sup>

Para a Igreja, uma verdadeira e correta educação deve assentar na inculturação da mensagem cristã, onde é possível a relação do Evangelho com os mais variados saberes, e para esse auxílio “a doutrina social é um instrumento necessário para uma eficaz educação cristã para o amor, a justiça e a paz.”<sup>10</sup> É nos valores evangélicos que devem circular todos os processos educativos numa relação próxima e aberta.

“A educação é um processo que conduz à realização da pessoa, em ordem à sua relação com os outros e com o universo. Ora Deus é o Outro absoluto com O qual o ser humano é chamado a entrar em relação. Há no ser humano uma procura de liberdade, uma constante procura de sentido, que não é possível satisfazer plenamente sem fazer apelo aos valores religiosos”<sup>11</sup>.

Na perspetiva cristã, a educação assume-se como uma vocação bela ao serviço da sociedade, e nesta linha, reconhece a Igreja que “É bela, portanto, e de grande responsabilidade, a vocação de todos aqueles que, ajudando os pais no cumprimento do seu dever e fazendo as vezes da comunidade humana, têm o dever de educar nas escolas. Esta

---

<sup>7</sup> Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, *Declaração Gravissimum Educationis* (Braga: Editorial A. O.), 1983, 5.

<sup>8</sup> Juan Francisco Ambrósio, “*A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*”, in *Communio*; XVIII (2001/ 5), 444.

<sup>9</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: SNEC, 2006).

<sup>10</sup> Conselho Pontifício Justiça e Paz, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, nº 532.

<sup>11</sup> Deolinda Serralheiro, *O acto educativo religioso e moral*, (Lisboa: SNEC, 1993), 51.

vocação exige especiais qualidades de inteligência e coração, numa preparação esmeradíssima e uma vontade sempre pronta à renovação e adaptação”<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, *Declaração Gravissimum Educationis*, 5.

## 2. – *Ser professor na atualidade*

Refletir no perfil do professor, especialmente de EMRC, é reavivar e valorar um exercício nobre de uma vocação que compromete, como todas as outras, um sentido profundo de responsabilidade, uma vez que os desafios que se colocam à ação educativa são bastante importantes na sociedade.

O professor de EMRC adota o perfil comum de todos os outros professores, qualquer que seja o seu nível de ensino ou o seu grupo disciplinar. As qualidades humanas, o equilíbrio e a maturidade são os alicerces de um bom êxito profissional, no entanto, a formação e os conhecimentos devem ser imprescindíveis para quem exerce o múnus de ensinar. Precisa de ter uma boa “capacidade de relação e de integração escolar”<sup>13</sup>.

A relação do professor de EMRC com a comunidade educativa e no exercício da docência deve ter como horizonte a relação que Jesus Cristo tinha com as pessoas: estar próximo e procurar ajudar o outro no caminho da verdadeira felicidade. É essencial manifestar uma atitude ativa no meio escolar, onde deve ser testemunha, professor e educador.

Deve o professor ser marcado pelo testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente.<sup>14</sup>

O professor de EMRC é adulto na fé e deve testemunhar essa fé no lugar onde se encontra.<sup>15</sup> Ser professor desta disciplina é um ministério, no sentido em que é um serviço de e para a comunidade cristã não apenas para o seu seio, mas realmente para mundo<sup>16</sup>.

Para além deste serviço educativo o ser professor de EMRC acarreta uma vocação, enraizada no batismo: a de anunciar a mensagem libertadora de Jesus a todos, e ser no mundo

---

<sup>13</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, n. 5.

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>15</sup> Cf. Idem, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos* (Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2002), n.º 5.

<sup>16</sup> Cf. Paulo VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi* (Braga: Editorial A.O, 1990), n. 73.

a imagem de Cristo para os outros, e nesta ótica, o professor do ensino religioso escolar deve atuar com esta consciência. Ainda que o Estado seja laico, as pessoas não o são.<sup>17</sup>

Ser encarada a docência de EMRC como um serviço e vocação para o próprio professor é antes de mais reconhecer que essa missão está em prol do outro/aluno e, por isso, é um serviço à pessoa humana.

Os desafios do professor são cada vez maiores no meio escolar, uma vez que também se registam cada vez mais mudanças no comportamento da sociedade. Este desafio, passa pela atenta realidade que se apresenta, oferecendo aos alunos as respostas às inquietações que eles evidenciam.

Apontaria, em alguns pontos, algumas orientações que o professor de EMRC deve ter em conta na sua ação educativa:

- Deve ter como exemplo Cristo acolhedor, que inspira confiança e que está aberto ao diálogo;
- Olhar o aluno como uma pessoa especial, valorizando-o, e não apenas considerá-lo como mais um elemento da turma;
- Empenhar-se na vida da escola, como uma verdadeira comunidade educativa e não somente como um espaço onde se dão aulas;
- Construir um relacionamento próximo com todos os agentes educativos, capaz de lhes transmitir esperança de um verdadeiro sentido de viver;
- Deve estar atento aos sinais dos tempos e ajudar na implementação da justiça, da paz e da solidariedade;
- Em suma, ser professor à imagem de Jesus (no agir e no transmitir).

Numa linguagem cansada do autoritarismo e do medo na pedagogia de ensinar, o professor da atualidade deve utilizar uma linguagem sugestiva capaz de fazer caminho com os que caminham. O professor da atualidade deve estar atento às necessidades dos próprios

---

<sup>17</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *A Igreja na Sociedade democrática* (Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2000), n. 11.

alunos, apresentando os conteúdos de forma agradável e profunda, melhorando cada vez mais o interesse pelo estudo e pela vida escolar. Embora não se especifique nenhum modelo para a leção, diria, que nesta disciplina deveria sobressair o modelo construtivista e centrado no próprio educando, uma vez que o objetivo específico da disciplina seja a formação global do aluno como iremos ver nas páginas seguintes.

Em síntese, o Papa Francisco centra o fundamental: “Educar é um gesto de amor, é dar vida. E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão e que nos coloquemos a caminho com paciência, juntamente com os jovens.”<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Francisco, “*Discurso aos Participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica (13-02-2014)*”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português 8 (2014) 5.

### ***3. – Apresentar Deus é a proposta de EMRC?***

Esta interrogação remete-nos quase automaticamente para as finalidades da disciplina de EMRC. Portanto, esta proposta de reflexão pretende, antes de mais, interpelar o leitor para a finalidade da disciplina de EMRC, estabelecendo a relação/distinção entre a Catequese e EMRC e fazer entender que a finalidade da disciplina consiste em procurar de forma crítica e reflexiva a abordagem da temática religiosa/Deus como proposta de felicidade numa cultura dialogante e recetiva. Desta forma conseguir responder à questão inicial.

Segundo o programa de Educação Moral e Religiosa Católica a finalidade de uma disciplina constitui um dos elementos essenciais do currículo escolar.

As finalidades de EMRC são as seguintes:

- “Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;

- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”<sup>19</sup>

As finalidades são essenciais para percebermos como devemos orientar a lecionação e ao mesmo tempo refletirmos no objetivo traçado em cada um dos pontos.

Antes de mais a disciplina deve, “ajudar os alunos na linha de uma concretização e explicitação da dimensão religiosa específica do ser humano, não podendo, no entanto, exigir, da parte destes, respostas ditadas pela fé católica. O que a EMRC se propõe é ajudar os alunos a fazer o percurso do seu crescimento e da sua formação pessoal. Para isso, promove o conhecimento e o encontro com a experiência e a vivência da fé cristã católica, respeitando, porém, quer o processo educativo específico da escola, quer a consciência e liberdade dos alunos. Para alcançar este objetivo a EMRC propõe um caminho de indagação e busca, e não um caminho de endoutrinamento e proselitismo. [...] A EMRC constitui, nesta linha, uma excelente oportunidade de colaboração na construção de uma sociedade mais justa e mais humana, pelo que é necessário encorajar um diálogo entre todos os intervenientes neste processo, de modo não só a possibilitar mas a incentivar esta colaboração e este serviço mútuo.”<sup>20</sup>

Com esta definição, percebemos que EMRC é “um valioso contributo para a formação da personalidade”<sup>21</sup>, capaz de ajudar os alunos no seu crescimento humano e onde possam observar de perto a dimensão religiosa que também é constituinte do ser humano. Se analisarmos os objetivos da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica facilmente os distanciamos dos objetivos da catequese com a qual vulgarmente é confundida.

“A catequese tem como objetivo a construção da comunidade eclesial e da identidade cristã, e a sua metodologia passa pela inserção na comunidade crente. É já no interior desta comunidade, fazendo parte dela e celebrando com ela, que se faz o percurso da identidade cristã. [...] na catequese os conteúdos ministrados

---

<sup>19</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 5.

<sup>20</sup> Ambrósio, “*A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*”, 449.

<sup>21</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade*.

são confessionais e, para os educadores e educandos, se assume o pressuposto da fé, o mesmo não deve acontecer na educação religiosa escolar, onde os seus conteúdos são confessionais e aos educadores é exigido o perfil crente, mas onde não se deve exigir obrigatoriamente aos educandos o pressuposto da fé. O seu objetivo não é a construção da comunidade eclesial, nem da identidade cristã dos educandos.”<sup>22</sup>

Torna-se claro que são campos de trabalho diferentes, com finalidades distintas. Na catequese entra-se em diálogo com Deus, na disciplina de EMRC, Deus também é verdade, mas a postura é diferente; constrói-se uma relação crítica e reflexiva onde é possível estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé e onde é possível construir e adquirir uma visão cristã da vida. EMRC apresenta Deus como meta para um mundo mais habitável, capaz de nos fazer entender o fenómeno religioso e onde o nosso agir é pautado por valores cristãos.

Na especificidade do programa da disciplina, a temática “Deus” é mais intensamente abordada no 9.º ano do 3.º ciclo do ensino básico. É sem dúvida a intensão de apresentar Deus como mistério de Amor e refletir acerca da questão da existência de Deus; o fenómeno religioso; Deus: oceano de Amor; e Deus que transforma os corações, as pessoas constroem a sociedade que proporciona a centralidade da questão: A disciplina de EMRC apresenta Deus e a dimensão religiosa de forma a auxiliar o(a) aluno(a) a orientar o seu pensamento através de um caminho reflexivo, crítico e esclarecido na sociedade atual.

---

<sup>22</sup> Ambrósio, “*A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*”, 446-447.

#### 4. – Síntese

A educação é o alicerce da sociedade. Uma sociedade que investe na educação contribui significativamente para o sucesso, deve-se investir também nos valores, para que possamos tornar este mundo mais belo e realizado. A educação cristã oferece o seu contributo no mundo, porque existe no ser humano uma procura pela liberdade, uma intensa procura pelo sentido, que de maneira nenhuma é possível satisfazer verdadeiramente sem fazer apelo aos valores religiosos.

O professor deve ter sempre presente que a educação da futura sociedade depende da forma como ensina e como orienta os alunos no processo de crescimento. Pois, ser professor compromete a forma de vida da sociedade de amanhã. Diríamos, que a melhor forma de incorporar a atitude de ensinar é olharmos para Jesus e seguir o Seu estilo de vida e de pedagogia (testemunho, coerência, verdade e autenticidade).

Neste sentido, e com esta enorme responsabilidade educativa, a disciplina de EMRC pretende colmatar algumas lacunas existentes neste processo de ensino aprendizagem. A disciplina de EMRC, contribui para a formação integral do ser humano, explanando a dimensão religiosa, proporciona assim, o conhecimento das diversas culturas e tradições religiosas, ajudando a formar cidadãos livres.

Apresentar Deus é a proposta de EMRC, uma vez que só com Deus conseguimos encontrar sentido para a nossa existência neste mundo. Como afirma o Papa Francisco: “Quando o Homem pensa que, afastando-se de Deus, encontrar-se-á a si mesmo, a sua existência fracassa”<sup>23</sup>. Desta forma, o próximo capítulo procura indagar algumas considerações acerca de Deus como Mistério do mundo e vice-versa. Sabemos que Ele é o Mistério que nos envolve, e N’Ele a nossa compreensão é limitada.

---

<sup>23</sup> Francisco, *Carta Encíclica Lumen Fidei* (29 de junho de 2013) in AAS 113, 5 (2013) n.º 19.

## **2. DEUS MISTÉRIO DO MUNDO – O MUNDO MISTÉRIO DE DEUS**

No início deste capítulo podemos logo pensar/sentir a audácia deste título que nos remete para dois sentidos: o Deus que se revela ao mundo e o mundo que manifesta e revela Deus como mistério.

A abordagem de “Deus” situa-se num caminho singular: primeiro existe a possibilidade de se falar acerca de Deus enquanto Mistério mas, por outro lado, entra-se na insuficiência de uma linguagem que é incapaz de transmitir o que Deus é. A realidade de Deus é Mistério de Amor.

O acesso a este tema é conseguido pela revelação de Deus, iniciativa Sua, e pelo esforço humano de pensar e «abraçar» o transcendente. As artes - música e iconografia podem ajudar à compreensão do mistério e o mistério revelar-se, sem se esgotar, na arte.

### ***1. – Deus mistério do mundo***

#### *1.1. – Diferentes aproximações ao mistério*

Ao longo da história todas as culturas se interrogaram acerca desta temática: Quem é Deus? É por causa desta questão que os primeiros sinais de civilizações giram, geralmente, à volta do âmbito religioso e cultural. Portanto, crer em Deus é o primeiro acontecimento de todos os tempos.<sup>24</sup>

Para concebermos e desenvolvermos uma reflexão acerca de Deus teremos, em primeiro lugar, que possuir uma consciência bastante apurada dos limites da nossa linguagem. Posteriormente, avançar nesta descoberta divina sem nunca esquecermos que vamos abraçar

---

<sup>24</sup> O ateísmo é um fenómeno moderno que tem raízes religiosas, enquanto nega a verdade absoluta de Deus apoia-se na verdade que é igualmente absoluta e afirma a negação da sua existência. Por isso, o ateísmo é um fenómeno secundário relativamente à religião, que pode entender-se também como uma “fé” de sentido negativo. Sem a revelação estes fenómenos de negação seriam inconcebíveis.

apenas as partes mas, nunca o Todo da compreensão. Recorrendo à história damos ênfase a dois célebres pensadores: Sto. Anselmo de Cantuária<sup>25</sup> e S. Tomás de Aquino<sup>26</sup> que utilizaram a razão em busca do transcendente de forma audaz e envolvidos pelo tempo e época em que viveram.

Existem dois cominhos possíveis na descoberta e na aproximação ao mistério divino, entende-se que é possível chegar a Deus através do mundo e do ser humano, isto é, partindo da realidade criada considerada a Teologia natural, num outro sentido, mas dentro da mesma relação, atinge-se Deus a partir da Sua própria palavra, à luz da Revelação que o próprio Deus faz de Si mesmo é considerada a teologia propriamente dita.<sup>27</sup>

Assim, autentica o Concílio Vaticano II acerca desta matéria: “O sagrado Concílio professa que Deus, princípio e fim de todas as coisas, se pode conhecer com certeza pela luz natural da razão a partir das criaturas (Cfr. Rom. 1,20); mas ensina também que deve atribuir-se à Sua revelação «poderem todos os homens conhecer com facilidade, firme certeza e sem mistura de erro aquilo que nas coisas divinas não é inacessível à razão humana, mesmo na presente condição do género humano» ”<sup>28</sup>.

À luz da razão natural, que está devidamente documentado pela história da filosofia, foi possível avançar no conhecimento divino onde Deus é observado como uma realidade que clarifica o mistério da origem e do fim do mundo e da humanidade.

Sabemos que o percurso do conhecimento de Deus é aliciante e a meta é concreta, no entanto, a humildade e a pequenez são o critério fundamental para abraçar tão grande mistério.

---

<sup>25</sup> O argumento ontológico de Sto. Anselmo, patente no *Proslogion*, afirma principalmente o seguinte: é intrínseco no ser humano a ideia de um ser perfeitíssimo, maior do que o qual nada pode ser pensado. Neste sentido, este ser perfeitíssimo tem de ter uma existência real e não apenas intelectual, pois, de outra forma, não seria o mais perfeito. Deus é este ser sumamente perfeito.

<sup>26</sup> As vias de S. Tomás de Aquino são cinco e apresentam Deus como: motor imóvel, causa incausada, ser absolutamente necessário, suma perfeição e supremo ordenador do universo.

<sup>27</sup> Além destas duas vias de acesso a Deus, S. Tomás de Aquino considerava uma outra, uma mais perfeita. É a visão de Deus face-a-face, reservada para a eternidade (Cf. Tomás de Aquino, *Summa contra Gentiles* L. IV, c.). Como nos encontramos envolvidos pelo tempo, fiquemos com a compreensão que nos é possível nesta realidade.

<sup>28</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática Dei Verbum*, n. 6. Cf. Aavv, *Catecismo da Igreja Católica*, n. 35.

Quanto mais se avança no conhecimento do mistério de Deus, tanto mais se entende a sua grandiosidade e mais pequenos nos sentimos perante tal realidade; o aprofundamento deste tema consciencializamo-nos para uma verdadeira dimensão humana na relação com a dimensão divina. “Para Zubiri, ‘a realidade divina, embora, por um lado, seja a mais distante das realidades, é também, por outro lado, a mais próxima de todas elas.’”<sup>29</sup>

Na tentativa de dizer Deus através de mistério, é necessário compreendermos a diferença/relação entre a palavra enigma com que vulgarmente é confundido.

Segundo o Dicionário da Porto Editora a palavra - enigma é a “descrição ambígua ou metafórica de uma coisa, para ser decifrada por outrem; adivinha; coisa obscura e difícil de compreender.”<sup>30</sup> Por sua vez, quando a palavra mistério no mesmo dicionário assegura que é uma “verdade dogmática da religião católica que a razão não pode compreender; aquilo que tem causa oculta ou parece inexplicável; aquilo que é vago, incerto, incompreensível.”<sup>31</sup>

Na verdade, os dois termos são bastante equivalentes, no entanto, que se quer dizer quando afirmamos que Deus é mistério?

“Na sua aceção mais vulgarizada, sobretudo se considerarmos o homem comum, a noção de mistério evoca uma grandeza que se apresenta como impenetrável à razão ou à inteligência humana. Dá-se assim uma oposição entre razão e mistério, de tal modo que, como defende o iluminismo e as correntes filosóficas que nele se inspiram, nomeadamente a conceção positivista da ciência, à medida que o progresso científico avança, diminui o âmbito do mistério até, eventualmente, num futuro, se bem que ainda incerto, acabar por desaparecer totalmente. O mistério surge então como algo de obscuro, de desconhecido, como algo

---

<sup>29</sup> João António Pinheiro Teixeira, *O acesso do homem a Deus em Xavier Zubiri*, in *Diadaskalia* XXX (2000), 153.

<sup>30</sup> Joaquim Almeida Costa e António de Sampaio e Melo, *Dicionário da Língua Portuguesa* (Porto: Porto editora, 2006), 630.

<sup>31</sup> *Ibidem*, 1128.

provisório, que a razão progressivamente superará, sendo então o mistério uma grandeza tendencialmente residual.”<sup>32</sup>

À luz da conceção positiva da ciência o termo mistério é similar ao termo enigma, pois, tudo aquilo que se descobre através da razão será superado e deixará de ser aquilo que anteriormente era. Desta forma, poderíamos garantir que mistério será um termo em vias de extinção.

Por sua vez, o termo mistério é aceite e utilizado pelos teólogos quando se referem a Deus ou quando tentam falar da realidade de Deus. “De facto, na apologética clássica, sem dúvida que a razão é faculdade do mistério, mas de um modo negativo, na medida em que o mistério está para além dos seus limites.”<sup>33</sup>

É, no sentido, de ver o tempo a partir da eternidade que o Teólogo Karl Rahner reflete e avança para uma abordagem profunda do conceito de mistério. Desde a teologia escolástica que se afirma que, na visão beatífica<sup>34</sup>, Deus permanece como mistério - continua a transcender os limites do humano no entendimento divino – e entende-se que é uma das propriedades de Deus. O mistério permanece mesmo quando vemos o mistério, já não se trata de uma realidade provisória no tempo mas que permanece na eternidade. O Mistério é o próprio Deus.

A compreensão possível da incompreensibilidade de Deus, reside no termo mistério, isto é, plenitude de Vida, de Luz e de Amor que não se esgota – mesmo vendo-O continuamos sem ver a totalidade do que É.

No caminho de peregrinação deste mundo é possível permanecer na certeza de que o ser humano “transporta e que se deixa transportar pelo mistério que tem em si e o faz sonhar,

---

<sup>32</sup> José Jacinto Ferreira de Farias, “A visão beatífica e a noção de mistério em K. Rahner”, in *Diadaskalia* XXXVIII (2008/ 2), 343.

<sup>33</sup> Farias, “A visão beatífica e a noção de mistério em K. Rahner”, 345.

<sup>34</sup> Ver Deus face a face.

com a fantasia criativa de quem acredita e de quem ama, o futuro como horizonte aberto onde o mistério que o homem em si transporta também o espera.”<sup>35</sup>

Só é possível esta aproximação ao mistério, porque Deus se manifesta e está presente no ser humano, pois, “se Deus não estivesse presente *a priori* no seu espírito, o homem não O poderia encontrar.”<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Farias, “A visão beatífica e a noção de mistério em K. Rahner”, 348.

<sup>36</sup> Juan Alfaro, *La dimensión trascendental en el conocimiento humano de Dios*, in *Gregorianum* 55 1974, 672.

## 1.2. – *Desígnio libérrimo de Deus – A revelação do Amor*

A encarnação de Cristo é a maior prova de que Deus não é inimigo do mundo; mas também é a prova de que não é possível crer em Deus e Pai de Jesus Cristo à margem ou fugindo deste mundo. E, a razão é clara: “Deus amou tanto o mundo que lhe entregou o seu Filho único” (Jo 3,16).

“Falar de Deus é sempre uma tentativa de balbuciar o Mistério infinito, indizível, que permanece Mistério mesmo na sua revelação.”<sup>37</sup>

A iniciativa é de Deus - de se revelar e, dessa forma, o ser humano sente a necessidade de o procurar para se realizar no âmbito do ser e em detrimento do ter. É Ele o portador da esperança que nos deve mover, é também o alicerce de toda a revelação. Neste sentido, só podemos falar em revelação, porque existe um revelador e é Ele o fundamento primeiro de todo o movimento catabático. A revelação é o surgimento da autocomunicação ou automanifestação de Deus. “Aprove a Deus. na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da Sua vontade”<sup>38</sup>.

Esta iniciativa de Deus, de se revelar, não integra apenas comunicação de conteúdos sobre Deus, mas sim, autocomunicação e autodoação do próprio Deus uno e trino.<sup>39</sup>

“Deus não se revelou para que lhe prestemos culto. Esse culto pode ser útil para nós, mas não lhe dá nada a Ele. Deus revelou-se para que nos amemos uns aos outros.”<sup>40</sup> A revelação só tem um nome: Amor.

Neste sentido, e “numa formulação global, poderíamos dizer que, enquanto a razão pretende encontrar atributos metafísicos do ser de Deus, a história bíblica revela atitudes e formas de relação de Deus conosco.”<sup>41</sup>

---

<sup>37</sup> José Eduardo Borges de Pinho, *A questão de Deus e a consciência crítica dos fiéis*, in *Didaskalia XXXII* (2002) 49-50.

<sup>38</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática Dei Verbum*, n. 2.

<sup>39</sup> Cf. *Ibidem*, 6.

<sup>40</sup> José Ignácio Gonzáles Faus e Ignacio Sotelo, *Deus e a fé – Razões do crente e do não crente* (cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005), 145.

<sup>41</sup> *Ibidem*, 157.

Toda a revelação faz ver, desde o momento da criação passando pelo apogeu da encarnação de Jesus Cristo e culminando com o envio do Espírito Santo, a belíssima intencionalidade de Deus, que não se fecha em si próprio, mas abre-se às criaturas numa atitude dialogante – Ele inicia a conversa e não ousa termina-la.

“Esta «economia» da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido.”<sup>42</sup>

Sempre que tentamos adjetivar alguma coisa, nada mais estamos a fazer do que a definir os seus limites. Abrimos, assim, o leque das possibilidades e fechamos as interrogações acerca da mesma realidade.

É, nesta ótica, que atribuir a Deus um conjunto de adjetivos qualificadores, possibilita-nos conhecê-Lo, mas ao mesmo tempo, poderemos cair numa redução daquilo que Ele realmente é.

A essência, ou se quisermos a natureza, a substância ou o ser, são o rótulo da identidade. Não é tarefa fácil conhecer a identidade de Deus.

Um atributo é sempre “aquilo que se afirma ou nega”<sup>43</sup> em relação a uma realidade. Partindo desta definição podemos encontrar dois géneros de atributos: os que são fugazes no *Kpóvoçe*<sup>44</sup> e os que são permanentes nele. O que nos move nesta análise são os atributos substanciais, isto é, permanentes.

A Sagrada Escritura, indispensável nesta temática, faz-nos ver diversos atributos que qualificam a essência de Deus, sendo assim, apresentam-se alguns atributos, em diversos livros bíblicos, que nos ajudam a conhecer melhor quem é e como é este Deus que os cristãos acreditam.

---

<sup>42</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática Dei Verbum*, n. 2.

<sup>43</sup> José Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia* (Lisboa: Dom Quixote, 2001), 42.

<sup>44</sup> Cronos (tempo cronológico).

Serão elencados atributos/expresões de forma sequencial, assim como estão dispostos os livros na Sagrada Escritura:

Aquele que é (Cf. Ex 3,14);

“Lugar espaçoso” (Sl. 18(17),20);

“Invisível” (Heb 11,27);

“Fogo que consome” (Heb 12,29; Dt 4,24);

“Amor” (1Jo 4,16);

“Perfeições invisíveis”, “poder e divindade sempiternos” (Rom. 1,20);

“Rico em misericórdia” (Ef. 2,4);

“Rei dos Reis” (1Tim 6,15);

“Senhor dos Senhores” (1Tim 6,15);

Imortal (Cf. 1Tim 6,16);

Inacessível (Cf. 1Tim 6,16);

“Rei dos séculos imortal” (1Tim 6,17);

“Omnipotente” (Ap 4,8);

“Santo, Santo, Santo” (Ap 4,8);

Com estas expressões bíblicas acerca do mistério divino percebemos como o hagiógrafo olha para Deus e O caracteriza, segundo o seu tempo e o seu contexto. É no mundo e para o mundo que Deus se revela, é para nós que Deus lança a Sua Palavra e como resposta a esta iniciativa, os seres humanos vão tentando descobrir, através do diálogo e do silêncio e, pela linguagem finita - Deus infinito.

Segundo o Concílio Vaticano II: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e de quantos sofrem, são por sua vez as alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo. Nada há de

verdadeiramente humano que não encontre eco no seu coração (...) A Igreja, por isso, sente-se íntima e realmente solidária com o género humano e a sua história”<sup>45</sup>

Por isso, o mundo é o lugar da sementeira (da semente) da Palavra, no qual, vai crescendo, não sem dificuldades, o Reino de Deus. Este é o espaço em que se ceifa o trigo e o joio, mas também o lugar onde se recolhe a colheita, em que os jornaleiros, nós cristãos, vamos semeando o que nos disse o Senhor Jesus.

Assim, vamos transformando o mundo segundo Deus. Uma fé que não encarna no mundo corre o risco de se tornar ideológica, de se converter em teoria sobre Deus, mas não em adesão a Deus e Pai de Jesus Cristo.

Deus, no momento da revelação “não exprime a sua natureza interna, mas quer tornar-se nominável, expondo-se aos seres humanos, para que estes possam chamá-l’O”.<sup>46</sup> Deus procura insistentemente a relação e não o afastamento onde a presença do mistério é uma constante.

Desta forma, “o mistério está muito próximo de nós. Nele vivemos, nos movemos e existimos. A nossa experiência de Deus começa como uma experiência de encanto e deslumbramento frente à presença do mistério, aqui e agora, em tudo – inclusive em nós mesmos”<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et spes*, n. 1.

<sup>46</sup> Joseph Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo* (Cascais: Principia, 2005), 96.

<sup>47</sup> Alberto Nolan, *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical* (Prior Velho: Paulinas, 2008), 200.

### 1.3. – Deus - Trindade no mundo

“Os cristãos são batizados «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28,19). Antes disso, eles respondem «Creio» à tríplice pergunta com que são interpelados a confessar a sua fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo: «*Fides omnium christianorum in Trinitate consistit – A fé de todos os cristãos assenta na Trindade*»<sup>48</sup>

Para a teologia cristã a Trindade assume o centro e o suporte de toda a reflexão à volta do Mistério divino. Através do desígnio libérrimo de Deus e da Sua autorevelação em Jesus, compreendemos que a vida de Cristo no mundo foi marcada pelas relações entre o Pai, Ele (o Filho), e o Espírito Santo. Desta forma, a vida de Jesus só pode ser compreendida trinitariamente.<sup>49</sup>

“O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé e a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na «hierarquia das verdades da fé»<sup>50</sup>

Durante a vida pública de Jesus, esteve presente a intenção da revelação do Amor trinitário. Jesus é o Filho enviado pelo Pai na força do Espírito Santo (cf. Gal 4,4-7), e portanto, negá-lo a Ele é negar o Pai (1Jo 2,23). Cristo mantém esta consciência de que é Filho até no momento da morte: “Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito” (Lc 23,46).

A partir das passagens bíblicas do Novo Testamento conseguimos perceber a existência da Trindade no Mistério de Deus. A Trindade<sup>51</sup> antes de ser substância de reflexão, foi “objecto” de profissão de fé.

---

<sup>48</sup> Aavv, *Catecismo da Igreja Católica*, n. 232.

<sup>49</sup> Cf. Jurgen Moltmann, *Trinidad y Reino de Dios. La doctrina sobre Dios* (Salamanca: Sígueme, 1987), 80.

<sup>50</sup> Aavv, *Catecismo da Igreja Católica*, n. 234.

<sup>51</sup> O termo *Trindade* é um dos muitos conceitos que não aparecem na Bíblia e que foram introduzidos pela reflexão teológica posterior com o objetivo de caracterizar afirmações contidas na Revelação. O conceito de Trindade parece remontar ao século II, particularmente a Teófilo de Antioquia e a Tertuliano, um dos grandes criadores de neologismos teológicos. Cf. Luís Francisco Ladária, *El Dios Vivo y verdadero, El misterio de la Trinidad* (Salamanca: Secretariado Trinitario, 2010), 212.

Deus é trindade na unidade é, desta forma, que o mundo deverá viver segundo o desejo de Jesus: que (todos) sejam um, assim como Nós” (cf. Jo 17,11. 18.21), isto é, a comunhão trinitária há-de ser expressa na comunhão do ser humano no mundo.

Assim, os cristãos devem ser os construtores de uma humanidade que se aproxime da comunhão trinitária, primeiro para viverem uma relação tão próxima uns com os outros que os torne verdadeiros irmãos, em segundo lugar, resultado desta bela relação, emanamos a certeza de o mundo se tornar um lugar mais habitável onde cessem os conflitos e o egoísmo e reine um clima de paz e de amor entre todos.

A perfeição na Trindade procede do Amor oblativo que constitui cada Pessoa divina. Em Deus tudo é unidade na diversidade, é o Sumo Bem. O Amor (recepção e dádiva) é a realização perfeita da relação das três Pessoas trinitárias.<sup>52</sup>

Na Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo não estão centrados nem fechados em Si mesmos. Cada uma das Pessoas divinas está nas Outras, com as Outras, pelas Outras e para as Outras.<sup>53</sup>

É na unidade e diversidade divinas que é preciso transportar a bela relação para o mundo de hoje - ser abertos no mundo capazes de amar e deixar-se amar por todos, construindo um mundo melhor.

Vejamos, para compreendermos melhor: “Se Deus fosse um só, haveria a solidão e a concentração na unidade e unicidade. Se Deus fosse dois, uma díade (Pai e Filho somente), haveria a separação (um é distinto do outro) e a exclusão (um não é o outro). Mas Deus é três, uma Trindade. O três evita a solidão, supera a separação e ultrapassa a exclusão. A terceira figura é o diferente, o aberto, a comunhão. O três aqui significa menos o número matemático do que a afirmação de que sob o nome de Deus se verificam diferenças que não se excluem, mas incluem, que não se opõem, mas se põem em comunhão; a distinção é para a união.”<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> CF. Ladaria, *El Dios Vivo y verdadero, El misterio de la Trinidad*, 340-345.

<sup>53</sup> CF. Leonardo Boff, *A Trindade, a Sociedade e a Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1986), 13.

<sup>54</sup> *Ibidem*, 13-14.

Como Deus não se fecha em Si mesmo e porque a comunhão divina é intensa, existe o extrapolar da Beleza e o “universo entra na comunhão divina”<sup>55</sup>, desta forma, o mundo e as pessoas entram na comunhão Trinitária tornando-se em *Vestigium Trinitatis* (vestígio da Trindade).

---

<sup>55</sup> *Ibidem*, 14.

## 2. – *O mundo mistério de Deus*

### 1.1 – *A arte de “dizer” Deus*

“A nossa linguagem sobre Deus é essencialmente analógica, o que de si mesmo quer dizer comparativa, limitada, ambígua no que diz e no que não diz porque não é capaz de dizer.”<sup>56</sup> Ao longo dos séculos os teólogos reconheceram que é mais o que não sabemos de Deus, do que aquilo que achamos que sabemos.

“Deus, se é Deus, está acima de qualquer conceito, indiferente portanto, quer à negação (*aphaireresis*), quer à afirmação (*Kataphasis*). Nem a via da eminência nem a via negativa preencherão o abismo de inadequação que separa Deus e cada um dos seus nomes possíveis. (...) Todos os nomes atribuídos a Deus têm a marca do tempo, a pertinência regional que os (de)limita.”<sup>57</sup>

O ato de falar<sup>58</sup>, seja sobre o que for, circunda tantos riscos como possibilidades. Inevitável, não podemos passar sem ele. Irrenunciável, jamais conseguimos escapar-lhe. Falamos mesmo quando nos recusamos a falar. Inclemente, porém, deixa frequentemente em nós uma sensação de insatisfação.

Portanto, falar sobre o que se refere à nossa existência é mergulhar já num oceano de dificuldades, compreende-se que estas se avolumem quando se trata de dizer o que, nos sendo mais íntimo, nos ultrapassa infinitamente.

Na verdade, “está em jogo uma linguagem que se faz necessária mas impossível. Necessária, porque sem linguagem não temos acesso à realidade. Por mais misterioso que seja, Deus é realidade. Impossível, porque a nossa linguagem se forja a partir das nossas experiências humanas, criaturais, históricas, e Deus é Deus, para lá de toda a criatura, de toda

---

<sup>56</sup> Pinho, *A questão de Deus e a consciência crítica dos fiéis*, 48.

<sup>57</sup> José Augusto Miranda Mourão, *Dizer ou não dizer Deus – Para uma enunciação poética de Deus*, in *Reflexão Cristã* 54 (1987), 10.

<sup>58</sup> Falar consiste em muito mais do que a emissão de sons, poderíamos dizer que falar é o extravasamento da alma, do mais profundo que nos habita.

a história. Por isso, a linguagem teológica não pode situar-se na ordem da objectividade expositiva. Não exprime, sem mais, qualquer dado verificável, observável, descritível. Não expressa um simples pensamento. O seu pressuposto último é uma atitude de fé diante da Palavra reveladora de Deus no interior de uma comunidade”<sup>59</sup> .

Se falar já nos coloca numa situação difícil de dizer o que, às vezes, não se consegue da forma mais credível, o falar de Deus, é a suprema ousadia. Nenhuma palavra é capaz de dizer Deus, nem a própria palavra Deus. Esta palavra nada diz “sobre o que significa ou sobre a realidade significada”<sup>60</sup>. A palavra Deus nada diz sobre Deus.<sup>61</sup>

Com esta certeza, toda a tradição mais antiga se consciencializou de que acerca de Deus sabemos melhor o que não é do que o que é. Desta forma, surge tendencialmente a reprodução de atributos negativos da divindade.

Diríamos, Deus é apresentado, na chamada linguagem apofática, preferencialmente, como invisível (que não é visível), imortal (que não morre), imutável (que não muda), incompreensível (que não pode ser compreendido), infinito (que não tem fim), inefável ou indizível (que não se pode exprimir por palavras), incognoscível (que não pode ser conhecido).

Perante todo o pensar e de todas as palavras que a Ele se refira, Deus é irreduzível a todo e qualquer discurso humano, por mais consistente que seja.

O silêncio é a adoração são a atitude mais correta perante tal mistério, na verdade, as palavras são sempre limitadas para se referirem ao que pretendem significar.

Devemos calar-nos “no fim do esforço de falarmos o mais adequadamente possível daquela realidade para a qual não há nenhuma palavra adequada”.<sup>62</sup>

---

<sup>59</sup> João Baptista Libanio e Afonso Murad, *Introdução à Teologia. Perfil, Enfoques, Tarefas* (S. Paulo: Loyola, 1996), 91.

<sup>60</sup> Karl Rahner, *Curso Fundamental da Fé. Introdução ao conceito de cristianismo* (S. Paulo: Paulinas, 1989), 62.

<sup>61</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>62</sup> Boff, *A Trindade, a Sociedade e a Libertação*, 19.

No início, o silêncio poderia denunciar preguiça e significar desleixo e abandono. Depois de toda a elocução, e “só no fim é que o silêncio é digno e santo”<sup>63</sup>. Portanto, o falar humano vale mais pelo que indica do que pelo que contém, e só seremos verdadeiramente capazes de *dizer Deus*, quando humildemente aceitamos a insuficiência das palavras e o desafio de, no fim, remetermos todo o discurso para um ato de adoração perante tão grande mistério.

Na verdade, “falar de Deus, do Seu mistério, está a pedir uma linguagem mais sugestiva que argumentativa, mais aberta que fechada (...). O símbolo capta o mistério profundo da realidade, o lado escondido que o conceito deixa escapar”<sup>64</sup>. Ser recetivo ao mistério é olhar para o alto e deixar penetrar toda a sabedoria capaz da nossa compreensão. É ao mesmo tempo reconhecer o Criador e abraçar a questão como quem fita o olhar de espanto em tão profunda perfeição.

“Na perspectiva cristã, o mundo e o ser humano são realidades criadas por Deus num ato de amor, de perfeição e de beleza. Deus criador é também Deus salvador, é Pai, é o Emanuel. O homem não é mais escravo nem servo, mas um amigo capaz de dialogar com Ele: “já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor, mas amigos.” (Jo 15,15). O mundo não é mais um «vale de lágrimas», espaço de rutura e de ausência do sagrado, mas o ponto de encontro entre o sagrado e o humano; é o espaço de atuação de Deus e, por isso, a história humana vai-se transformando em História da Salvação.”<sup>65</sup>

A Arte é uma forma sublime de dizer, dentro das possibilidades, o que o ser humano entende e percebe de Deus. É a linguagem do mundo a tentar compor a pauta da imagem de Deus.

---

<sup>63</sup> *Ibidem*.

<sup>64</sup> Libanio e Murad, *Introdução à Teologia. Perfil, Enfoques, Tarefas*, 91.

<sup>65</sup> José Paulo Antunes, *(In)definições*, Caderno de teoria das artes (Porto: UCP – Porto, 2015), 19.

A arte é, também, um dos mecanismos de revelação da verdade. De facto, a verdade revela-se nos acontecimentos sensíveis situados na história. O mistério de Deus é a arte divina que o ser humano tenta interpretar sem nunca a esgotar.

Como afirmava o Papa João Paulo II: “Para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade da arte. De facto, deve tornar perceptível e até o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus. Por isso, tem de transpor para fórmulas significativas aquilo que, em si mesmo, é inefável. Ora, a arte possui uma capacidade muito própria de captar os diversos aspetos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem os vê e ouve. E isto, sem privar a própria mensagem do seu valor transcendente e do seu halo de mistério.”<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_23041999\\_artists.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html) - 12

## 1.2 – Linguagem visual – a iconografia

Iconografia é uma arte que manifesta o sagrado através de um sentido: a visão. “O ícone é um fenómeno que nos introduz no mundo da analogia.”<sup>67</sup> A etimologia da palavra provem do grego *Eikon* = imagem, grafia = escrita refere-se a uma linguagem visual onde se representa determinado tema.

“Na sua origem, o verdadeiro sentido de ícone é o de uma imagem que nos leva a Deus.”<sup>68</sup>

A arte capta as pessoas, nela perpassa a presença de Deus na obra elaborada pelo ser humano. “Então, quantas vezes as expressões artísticas podem ser ocasiões para nos recordarmos de Deus, para nos ajudar na nossa oração ou também na conversão do coração!”<sup>69</sup>

O verdadeiro ícone, da imagem de Deus é o ser humano, pois, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. “Numa fundamentação bíblico-teológica perpassando por ligações e interpretações filosóficas, o conceito de ícone pode encontrar-se nos primeiros textos da Bíblia, onde se argumenta que o homem foi concebido à imagem de Deus (*imago dei*). A humanidade reflete Deus na sua racionalidade, criatividade, capacidade de comunicação, espiritualidade, liberdade para decidir, e assim por diante. A humanidade integra a centralidade da criação. Por mais diferente que seja dos outros seres criados por Deus, o homem não é tão distinto dos restantes a ponto de não ter nenhuma relação com eles: o homem é parte constitutiva da criação.”<sup>70</sup> É para o ser humano que Deus cria, manifesta e se dá, no sentido em que todos possam viver felizes.

---

<sup>67</sup> Anna Kudelska, “*Ícones Sacros e Ícones de design – Entre espiritualidade e tecnologia*” (PhD diss., Universidade de Lisboa, 2014), 10.

<sup>68</sup> Aavv. *Quero Ser* – Educação Moral e Religiosa Católica, 74.

<sup>69</sup> Bento XVI, “*Discurso no final do concerto oferecido pelo cardeal Bartolucci (31-8-2011)*”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 36 (3-9-2011) 8.

<sup>70</sup> Kudelska, “*Ícones Sacros e Ícones de design – Entre espiritualidade e tecnologia*”, 11.

Em segundo plano, o ser humano, com todas as faculdades que lhe são próprias, sente a necessidade de produzir ícones do Criador, para que através da visão reconheça, contemple e adore o seu Deus. “Deus chamou o homem à existência, dando-lhe a tarefa de ser artífice.”<sup>71</sup>

É através desta arte que o homem e a mulher devem ultrapassar os limites da percepção puramente formal deixando penetrar na primeira esfera a mensagem e o tema da representação. As imagens veiculam a mensagem que pretende ser transmitida. É a linguagem mais rápida para aqueles que possuem a faculdade de ver. Como a arte se pauta pela transmissão da beleza, e essa é sempre tida em conta para transmitir tão grande realidade. “A beleza é chave do mistério e apelo ao transcendente.”<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_23041999\\_artists.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html) - 1

<sup>72</sup> [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_23041999\\_artists.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html) - 16.

### 1.3 – Linguagem auditiva – a música

Na linguagem artística a música surge como mais um instrumento de acesso a Deus. É, por isso, que o ser humano recebe o dom de folhear o livro das promessas de Deus, aquelas que estão contidas na natureza e que pela agilidade humana é possível traduzir em beleza. Na verdade, a missão do ser humano é exprimir, através do testemunho e também da arte, a imagem bela de Deus Criador.

Crer em Deus é, antes de mais, afirmar que Ele é *Pantocrator*<sup>73</sup>, é o criador de tudo o que nos envolve. Na verdade, a música nasce na criação e é na criação que ela se expressa, porque tem origem no Criador.

“A linguagem artística tem revelado, ao longo de todos os tempos, uma especial aptidão para exprimir e concretizar este diálogo entre Deus e o Homem e realizar o Seu plano salvífico.”<sup>74</sup> “De entre todas as formas de Arte, a música ocupa um lugar de excelência e desempenha um papel privilegiado e insubstituível na liturgia.”<sup>75</sup> O Concílio Vaticano II foi claro quando se pronunciou sobre a música como forma sublime de arte, pois “a tradição musical da Igreja é um tesouro de inestimável valor, que excede todas as outras expressões de arte”<sup>76</sup>.

“A música, a grande música, aplaca o espírito, suscita sentimentos profundos e convida quase naturalmente a elevar a mente e o coração a Deus em todas as situações, tanto alegres como tristes, da existência humana.”<sup>77</sup> Uma das primeiras artes da civilização, que se regista na história e que é atribuída a Judal, filho de Lamec (Cf. Gn. 4,21) é sem dúvida a música.

Falar de e a Deus numa linguagem musical torna-se algo aliciante. Permite fazer caminho na compreensão de Deus, sem excluir a existência das pausas e dos bemóis nessa

---

<sup>73</sup> Todo-Poderoso.

<sup>74</sup> Antunes, *(In)definições*, 20.

<sup>75</sup> *Ibidem*.

<sup>76</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática Sacrossantum Concilium*, n. 112.

<sup>77</sup> Jorge Rodrigues, *Bento XVI: Pela música-pela oração* (Lisboa: só, 2010), 15.

descoberta. O encontro com Ele, mediante a música, tem de ultrapassar a realidade sensorial e ir mais além da tonalidade do nosso ser.

A música é importante no crescimento da pessoa, tanto a nível humano como espiritual. É, por isso, que no sistema educativo existe uma disciplina que contribui, de certa forma, também para o desenvolvimento espiritual dos alunos, a disciplina de educação musical.

Afirmava o Papa Bento XVI que, a música assume uma importância estrutural na formação do ser humano.

“O estudo da música assume um alto valor no processo educativo da pessoa, porque produz efeitos positivos no desenvolvimento do indivíduo, favorecendo o seu harmonioso crescimento humano e espiritual. Sabemos quanto é comumente reconhecido o valor formativo da música nas suas implicações de natureza expressiva, criativa, relacional, social e cultural.”<sup>78</sup>

A música toca-nos, transforma as nossas concepções, pode colocar-nos em letargia ou impulsionar-nos para a audácia do nosso viver. A música dá-nos sentido, fazendo-nos sentir.

A arte musical pode proporcionar-nos uma aproximação ao mistério divino capaz de nos motivar a crer Naquele que tudo criou.

“Pensamos na célebre experiência de Paul Claudel, poeta francês, que se converteu ouvindo o canto do *Magnificat* durante as Vésperas de Natal na Catedral de Notre-Dame de Paris: «Naquele momento — escreve ele — deu-se o acontecimento que domina toda a minha vida. Num instante o meu coração comoveu-se e eu acreditei. Acreditei com uma força de adesão tão grande, com um tal elevamento de todo o meu ser, com uma convicção tão poderosa, numa certeza que não deixava lugar a espécie alguma de dúvida e que, a partir daquele momento, raciocínio algum ou circunstância da minha vida movimentada puderam

---

<sup>78</sup> Bento XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pelo Presidente da República italiana no quinto aniversário do Pontificado (29-4-2010)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 19 (8-5-2010) 3.

abalar a minha fé nem afetá-la». Mas, sem incomodar personagens ilustres, pensemos em quantas pessoas foram tocadas no fundo do ânimo ouvindo música sacra; e ainda mais em quantos se sentiram de novo atraídos por Deus através da beleza da música litúrgica como Claudel.<sup>79</sup>

Assim, percebemos que é fácil relacionarmo-nos com Deus. Deus permite que através dos sons e da sua harmonia escutemos a harmonia divina. A música é uma bela forma de arte capaz de ligar o mundo ao mistério de Deus.

---

<sup>79</sup>Bento XVI, “*Discurso à associação italiana Santa Cecília (10-11-2012)*”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 46 (17-11-2012) 7.

#### 1.4 – A fé e o testemunho para expressar a relação com Deus

Começaria a abordagem deste tema com a referência ao ano de 2013 no momento em que o Sumo Pontífice convidou a aprofundarmos, de forma particular, a fé. A fé cresce quando é vivida e torna-nos fecundos no amor. Afirma ele mesmo: “quis para toda a Igreja um especial Ano da fé, a fim de promover o aprofundamento da fé em todos os batizados e o comum compromisso pela nova evangelização.”<sup>80</sup>

Ao considerarmos a relação com Deus, como iniciativa Sua<sup>81</sup>, da qual o ser humano é criado como excesso de Dom e como extravasamento de amor, reportamos todo o ato de crer à intenção do próprio Deus para a humanidade. Deus ao criar o ser humano e dando-lhe os sentidos próprios à compreensão, quis que O conhecessem como criador e depois como revelador, para que houvesse relação entre o humano e o divino.

“Qualquer teoria da fé parte da questão básica sobre a essência da fé e gira em torno da mesma.”<sup>82</sup>

Tanto o conceito de fé como o próprio ato de fé é multidimensional,<sup>83</sup> no entanto, salienta-se a fé como atitude que compromete o testemunho de vida do crente. Ora, “a nossa época liga o crer ao fazer”<sup>84</sup> e, desta forma, e sem exageros, “a problemática da dimensão prática da fé conduz-nos, assim, a pensar o relacionamento teoria/prática como manifestação de totalização: a fé não pode ser, desse modo, nem só reduzida a uma elaboração teórica (que seria impotente), nem só a uma ação prática (que pretende, pelo menos, saber-se justa). Nesse relacionamento dá-se a experiência de insuficiência mútua, assim como uma correspondente vontade de resposta a essa insuficiência. Daí que, nesse mesmo relacionamento, se torne presente um momento de rutura, frente a tentativas de totalização teórico-prática. Esse

---

<sup>80</sup> *Ibidem.*

<sup>81</sup> Cf. Aavv, *A Fé dos Católicos* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991), 179.

<sup>82</sup> João Duque, *Homo Credens – para uma teologia da fé* (Lisboa: UCP-Lisboa, 2002), 33.

<sup>83</sup> Cf. *Ibidem*, 114.

<sup>84</sup> *Ibidem.*

momento de ruptura é, precisamente, o momento do crer, enquanto excesso, em relação à prática como à teoria, como ao próprio relacionamento mútuo.”<sup>85</sup>

Deus, que se revela como Criador e como Pai, inicia, deste modo, o diálogo com o ser humano e, este responde-lhe com a “obediência de fé” (Cf. Rom 1,5; 16,26). Pela fé entregamos a nossa inteligência e vontade a Deus e a tudo o que Ele nos disse e revelou.

A fé cristã é muito mais do que «dar como verdadeiro» uma série de enunciados abstratos que não se podem demonstrar. A fé brota do túmulo de Cristo e celebra o seu nascimento na Páscoa. Sem qualquer ambiguidade, São Paulo afirma que sem a ressurreição de Jesus a nossa fé seria vã e ilusória. (Cf. I Cor 15,14-17).

Para a Sagrada Escritura “crer” significa sentir-se seguro de Deus, confiar n’Ele e contar com Ele, basear n’Ele a existência e encontrar n’Ele apoio e estabilidade (Cf. Is 7,9).

Neste sentido, a fé não é nem um puro sentimento intelectual, nem tão pouco um mero sentimento, mas algo que implica a entrega de todo o nosso ser Àquele que é maior que nós. Numa palavra, é um ato de confiança absoluta.

Como fez Abraão, que “pela fé, obedeceu e partiu para o lugar que havia de receber em herança, e saiu sem saber para onde ia” (Heb 11,8). Ou como realizou Maria ao dizer: “Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua Palavra” (Lc 1,38).

No Novo Testamento “crer” significa caminhar no seguimento de Cristo, em comunhão com Ele, que confiou no Pai e obedeceu-Lhe até à cruz: desde o aparente abandono da morte, Jesus recebeu o auxílio do Pai, que o ressuscitou. A ressurreição de Cristo é o fundamento da nossa fé, do caminho que hão-de percorrer os cristãos, fundados na esperança, que nos permite conhecer o fim.

Neste sentido, a fé cristã é um projeto de vida que abarca uma atitude integral da existência, na qual, o crente se identifica com a atitude fundamental e mais íntima de Jesus.

---

<sup>85</sup> Cf. *Ibidem*, 151.

Por este motivo, a fé traz consigo a transformação mais profunda do ser humano, das suas ideias e da sua vida: significa ser, em Cristo, novas criaturas. (Gl 6,15; 2Cor 5,17)<sup>86</sup>

Esta confiança absoluta em Deus abre-nos para uma nova visão da realidade, porque nos torna capazes de ver com os olhos de Deus. Porque a fé é resposta a um chamamento prévio de Deus, é encontro pessoal com Deus que se revela.

Contudo, isto não quer dizer que o ser humano receba este dom sem dar nada de si. A fé é também um ato plenamente humano, como tal, essencialmente livre: o ser humano, ao crer, deve responder voluntariamente a Deus; ninguém deve ser obrigado, contra a sua vontade, a abraçar a fé. Com efeito, o ato de fé é voluntário por sua própria natureza<sup>87</sup>.

A fé é certa e firme, mais certa que todo o conhecimento humano, porque se funda na Palavra de Deus que não engana. Mas, ao mesmo tempo, é obscura, porque as verdades que nos mostra fazem referência ao mistério de Deus<sup>88</sup>, não são plenamente compreensíveis pela inteligência humana.

O cristão não vive a sua fé sozinho. A fé cristã é comunitária, porque se é cristão em Igreja e com a Igreja. A Igreja não é algo opcional para o cristão, no sentido em que se possa optar e viver a fé cristã «à margem» ou «fora» da Igreja. Fé pessoal e fé eclesial requerem-se mutuamente.

A fé pessoal e comunitária é um dos temas necessários de reflexão, pois, ainda se encontram muitos cristãos confusos, ou diria mesmo, ignorantes da dimensão comunitária da fé. Claro que a fé é um ato pessoal, como ato individual, mas não termina aí.<sup>89</sup>

---

<sup>86</sup> A fé de Abraão caracteriza-se pela sua confiança e sua obediência, que o levam a abandonar a sua cidade, a sua cultura e a sua família, pondo-se a caminho, sem saber para onde ia. Esperando contra toda a esperança, foi constituído pai de todos os povos, o primeiro de todos os crentes. Maria acolheu e anunciou a promessa que o anjo lhe trazia, não deixando de crer que a palavra de Deus se cumpria. Pela sua fé, todas as gerações a proclamaram bem-aventurada. Fixando o nosso olhar em Abraão e Maria como modelos de fé, podemos e devemos abrimo-nos a Deus e à sua vontade, de forma que sobre nós se cumpra a sua Palavra e se realizem os seus projetos de salvação.

<sup>87</sup> Cf. Aavv, *Catecismo da Igreja Católica*, 160.

<sup>88</sup> Contudo, somos envolvidos por este Mistério, como a criança no seio da mãe.

<sup>89</sup> “Crer é um ato eclesial. A fé da Igreja precede, gera, conduz e alimenta a nossa fé.” Aavv, *Catecismo da Igreja Católica*, 181. A Igreja é a mãe de todos os crentes: “Ninguém pode ter Deus por Pai se não tem a Igreja por mãe” (S. Cipriano, unit. Eccl.: PL 4, 503 A).

Imbuídos de fé, podemos dizer «eu creio», graças ao «nós cremos» que pronuncia a Igreja: - é a Igreja que nos fez e faz chegar, continuamente, a Palavra de Deus e a sua presença salvadora nos sacramentos; - ela é a primeira a anunciar-nos o Cristo Salvador e Senhor nosso; por isso, é nela que a fé cristã se alimenta, purifica e enriquece; - é nela onde a fé se nutre e expressa numa linguagem comum, a dos cristãos.<sup>90</sup>

Dizia S. Paulo: Se proclamas com a tua boca que Jesus é o Senhor e crês no teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, salvar-te-ás. (Cf. Rom 10,9)

Quer dizer, a fé não é «para uso privado» do cristão; tão pouco para recorrer a ela em momentos de dificuldade. A fé é para ser anunciada a todo o mundo sem nenhum complexo de superioridade, porque servimos o Reino de Deus, mas também sem nenhum complexo de inferioridade, como pedindo permissão para anunciá-la.

A fé, portanto, não se vive em privado, na «clandestinidade» e às escondidas, como quem desfruta de um famoso quadro da sua coleção privada. O cristão vive a sua fé no anúncio gozoso de quem encontrou o Messias (Cf. Jo 1,46) para que quem oiça, participe também da vida de comunhão com o Pai graças a Cristo.

Não pode viver-se a fé com a atitude envergonhada do silêncio. Todo o que ouviu Cristo e a Ele aderiu, converte-se em testemunha de Cristo. Por isso, o testemunho é-nos hoje mais necessário do que nunca.

---

<sup>90</sup> A fé teve necessidade de expressar-se numa linguagem. Da Igreja, nossa mãe, aprendemos a linguagem que é expressa em fórmulas, credos ou símbolos da fé. Deles escreve S. Cirilo de Jerusalém: Esta síntese da fé não foi feita segundo as opiniões humanas, mas de toda a Escritura foi recolhido o que há nela de mais importante, para dar na sua integridade o único ensinamento da fé.

Na sua origem, a Igreja expressou e transmitiu a sua fé em fórmulas breves, que se foram ampliando na medida em que se iam elaborando resumos orgânicos destinados, sobretudo, aos que se preparavam para o batismo. Por isso, devemos ter em conta que há numerosas profissões de fé, que responderam às necessidades das diferentes épocas e lugares.

As profissões de fé mais conhecidas por nós são o Símbolo dos Apóstolos e o símbolo ou credo Niceno-Constantinopolitano. O Símbolo dos Apóstolos ou apostólico, denomina-se assim por considerar-se que é o resultado fiel da fé dos Apóstolos. É o antigo símbolo batismal da Igreja de Roma. A sua grande autoridade vem deste facto: é o símbolo que guarda a Igreja romana, a que foi sede de Pedro, o primeiro dos apóstolos, e à qual ele levou a doutrina comum.

O símbolo de Niceia-Constantinopla é fruto dos dois primeiros concílios ecuménicos (ano 325 e 381). Sendo todavia hoje o símbolo comum de todas as grandes Igrejas do Oriente e do Ocidente.

Paulo VI disse, referindo-se à Igreja: “Há que sublinhar isto: para a Igreja o primeiro meio de evangelização consiste no testemunho de vida autenticamente cristã, entregue a Deus numa comunhão que nada pode interromper e, por sua vez, consagrada igualmente ao próximo com um zelo sem limites. O ser humano contemporâneo escuta melhor os que dão testemunho que os que ensinam (...) ou se escutam os que ensinam é porque dão testemunho”.<sup>91</sup>

Em suma, poderíamos dizer que a fé abre horizontes de/na vida, capazes de ajudar o ser humano a se realizar na busca da felicidade. “A descoberta de Deus que a fé possibilita no acolhimento do Mistério que suporta a nossa existência não é uma posse, mas um percurso de vida, ou seja, nunca encontrámos Deus ao ponto de não O termos continuamente de procurar.”<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup> Paulo VI, *Exortação Apostólica Evangelium Nuntiandi*, n. 41.

<sup>92</sup> Pinho, *A questão de Deus e a consciência crítica dos fiéis*, 51.

### **3. – Síntese**

A aproximação do ser humano ao mistério de Deus não se trata de uma tarefa fácil, devido às dificuldades e insuficiências da nossa linguagem na adequação ao mistério divino que é incapaz de compreender o incompreensível e de dizer o indizível.

É pela revelação que temos acesso ao mistério e é por amor que Deus se manifesta possibilitando aos homens e às mulheres a faculdade de O amar. Portanto, a iniciativa é de Deus e é pela Sua bondade que o ser humano entra em diálogo com Ele.

Através da arte e dos sentidos conseguimos «espreitar» a beleza de Deus, é a linguagem do mundo a tentar compor a pauta da imagem de Deus.

Neste sentido, surge uma relação descendente e ascendente que implica um clima de confiança de entrega e de fé que é visível no testemunho de vida de cada ser humano.

### **3. - PROPOSTA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “DEUS, O GRANDE MISTÉRIO”**

Na sequência dos conteúdos anteriormente abordados, segue-se a concretização prática, pedagógico-didática, da unidade letiva – Deus, o grande Mistério – do programa de EMRC. Iniciamos este capítulo com a apresentação da unidade letiva, tendo em conta a opção pelo tema escolhido, as suas metas e objetivos - razões pelas quais se deve alinhar toda a lecionação.

Neste encadeamento, será elaborada também a proposta de planificação e descrição das aulas. Serão expostas as grelhas orientadoras de planificação que ajudaram à lecionação desta unidade letiva.

No término do capítulo, vai ser feita uma avaliação geral de cada aula lecionada, tendo em conta o trabalho desenvolvido durante esse período, com a intenção de melhorar aspetos menos conseguidos.

#### *1. – Caracterização da Escola - Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro<sup>93</sup> e da turma A e C*

Em 1937 foi criado o primeiro colégio particular em Tondela. Só em 1971/72 é que se deu início ao ensino do Ciclo Preparatório público e oficial, com a criação da Escola Preparatória, Dr. Cândido de Figueiredo, instalada em pavilhões pré-fabricados, nos terrenos da atual Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Tondela. Como resultado do conturbado momento político vivido, o colégio feminino foi vendido ao Estado e aí instalada, no ano letivo de 1975/76, a primeira Escola Secundária de Tondela, com 239 alunos.

---

<sup>93</sup> Informação recolhida do Projecto Educativo deste Agrupamento aprovado em 2014.

No ano seguinte, o Colégio Tomaz Ribeiro passa a escola pública, através do arrendamento das suas instalações ao Ministério da Educação, sendo para aí transferidas as instalações da Escola Secundária. Face à democratização da sociedade portuguesa e à defesa de direitos consignados no texto constitucional, as instalações do antigo Colégio Tomaz Ribeiro depressa se mostraram exíguas para uma população em constante crescimento, inadaptadas às novas exigências de ensino e de equipamentos escolares adequados, sofrendo um rápido processo de degradação que levaria à construção de um novo edifício onde, desde o ano letivo de 1987/88, se encontra instalada a Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Tondela que deu origem ao atual Agrupamento de Escolas Tomaz Ribeiro, com sede em Tondela.

O Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro foi criado por decisão do Ministério da Educação e Ciência e resultou da agregação de três unidades de gestão, até aí independentes: a Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Tondela, as Escolas de Campo de Besteiros e do Caramulo. Esta decisão foi concretizada por Despacho do Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar, exarado a 28 de junho de 2012, que autorizou a sua constituição, e a 3 de julho de 2012, por Despacho da Diretora Regional do Centro foi nomeada a Comissão Administrativa Provisória. A Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Tondela passa a escola sede do novo Agrupamento.

Segundo o que se apresenta no Projeto Educativo – 2014, em vigência até ao ano letivo 2016/2017, deste Agrupamento de Escolas, os princípios orientadores da sua ação assentam na procura e promoção de cidadãos livres, responsáveis, informados, autónomos e solidários. Procura também estimular nos jovens alunos um espírito democrático e pluralista, crítico e respeitador da diferença, criativo e empreendedor, para que possam ser verdadeiros agentes de mudança da sociedade atual.

Depois desta introdução histórica acerca do Agrupamento e dos princípios orientadores da sua ação, torna-se necessário contextualizar a turma que beneficiou desta proposta pedagógica-didática.

Se todos os processos de ensino-aprendizagem são importantes para o sucesso educativo, o conhecimento da turma é imprescindível para percebermos melhor os recursos a empregar. A turma escolhida para a lecionação foi do 9.º ano, do ensino básico que é constituída por elementos de duas turmas de origem: A e C do Agrupamento de Escolas de Tomaz Ribeiro - Tondela. Tem um total de doze alunos, seis raparigas e seis rapazes, com idades entre os quinze e dezasseis anos. Uma aluna apresenta necessidades educativas especiais o que requeria da parte do professor uma maior atenção, relativamente ao seu comportamento.

Verificamos que estes alunos gostam da disciplina e estão motivados para aprender e aprofundar o seu conhecimento. Neste sentido, ao longo das aulas fomos tentando motivar os alunos para o interesse pelo tema.

Os alunos comprometeram-se sempre a trazer os materiais necessários para a aula, caderno diário e manual do aluno. Mostraram sempre grande vontade de participação, demonstram também capacidades de aquisição e aplicação dos conhecimentos, sempre numa atitude ordenada.

Decorreu, do dia 7 de fevereiro ao dia 28 de março de 2017, a prática pedagógica desta unidade letiva. A aula decorreu das 12h40 h às 13h25, horário propício a maior agitação pelo fato de os alunos estarem no último tempo letivo da manhã antes do almoço. Surpreendentemente, mantiveram sempre um comportamento exemplar dentro da sala de aula.

Toda a informação foi facultada pela professora Isabel Maria Andrade Baptista, segundo os processos individuais dos alunos, e pelo contacto com os mesmos durante as aulas propostas.

## 2. – Apresentação do tema: Deus, o grande mistério

Quando se planifica um determinado tema está-se a estudar como se aplicará a teoria à prática para um determinado público em concreto. Esta articulação faz parte do gene da educação e da pedagogia (saber ensinar).

A planificação da unidade letiva 2: “Deus, o grande Mistério” do 9.º ano, foi elaborada segundo uma intensão – promover o conhecimento da temática tendo como alicerce a motivação dos alunos. Procuramos planificar de forma criativa, dinâmica e pedagógica, salientando a problemática da existência de Deus como uma questão universal e fundamental. Procuramos também apresentar a temática na medida em que “falar de Deus” fosse algo abraçado com alegria e entusiasmo.

A escolha deste tema e o seu aprofundamento deveu-se ao facto de o mundo de hoje, especialmente, os adolescentes tentarem fugir a essa questão por parecer uma realidade ultrapassada, por outro lado trata-se de uma importância e gosto pessoal pela temática em questão.

A unidade letiva 2 “Deus, o grande Mistério” contemplada no programa de EMRC tem um verdadeiro sentido ao abordar a dimensão divina que é responsável pelo sentido da própria vida, onde circula a fé como garante da confiança e do amor que se manifesta entre o ser humano e Deus.

Partindo das metas e dos objetivos<sup>94</sup> propostos pelo programa da unidade letiva:

<b>Metas</b>	<b>Objetivos</b>
<b>A.</b> Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	<b>1.</b> Equacionar respostas fundamentais sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.
<b>C.</b> Identificar o núcleo central das várias	<b>2.</b> Identificar as representações de Deus no

<sup>94</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 98.

tradições religiosas.	Judaísmo e em Jesus de Nazaré.
<b>B.</b> Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	<b>3.</b> Destacar a bondade e a grandeza de Deus.
<b>J.</b> Descobrir a simbólica cristã	
<b>I.</b> Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	<b>4.</b> Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.

Conseguimos, com mais eficácia, abordar os conteúdos e alcançar o que nos propusemos nas estratégias de ensino.

Depois de analisarmos a turma, tendo em conta o seu aproveitamento, comportamento e a sua motivação, planificamos esta unidade letiva tendo presente as dificuldades e as qualidades dos alunos. Todos os alunos demonstraram interesse pela disciplina e pelas suas atividades desde o início da leção, favorecendo assim o processo de ensino aprendizagem.

### 3. – Planificação e planos de aula

Depois desta breve introdução, apresentamos a descrição pormenorizada do que se pretende realizar em cada uma das seis aulas planificadas, pois, permitem obter uma visão holística e estruturada.

Na primeira aula pretende-se trabalhar a meta curricular A – Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa, com o intuito de alcançar o objetivo: equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.

A aula começará com o acolhimento dos alunos e, de seguida, a apresentação.

Depois de os alunos registarem o sumário da aula no caderno diário apresentar-se-ão os conteúdos a desenvolver durante as próximas seis aulas. Através do Prezi<sup>95</sup>, que é um *software* multimédia, é projetada a palavra «Deus» e haverá um pequeno diálogo para percebermos o que os alunos pensam de Deus. Neste recurso, tudo é concebido numa estrutura única, ajudando na organização e no acesso a toda a informação. De seguida, serão distribuídas aleatoriamente cinco palavras que servirão para completar as quatro questões do manual da página 55, cujo objetivo é interpelar para a origem e o fim onde mais facilmente remetemos para Deus o nosso pensamento. Posteriormente, abordaremos as duas letras gregas ( $\alpha$ ) e ( $\Omega$ ) para mostrar que Deus é o princípio e o fim de todas as coisas.

Para tratar a temática da questão da existência de Deus será apresentado, de forma audível, a música: “Que Deus?” interpretada por Boss AC, músico português.

“Homens rezam, acreditam, morrem por ti,  
Dizem que estás em todo o lado mas não sei se já te vi,  
Vejo tanta dor no mundo pergunto-me se existes,  
Onde está a tua alegria neste mundo de homens tristes?  
Se ensinas o bem porque é que somos maus por natureza?”

---

<sup>95</sup> Anexos – Recurso I - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na primeira aula.

Se tudo podes porque é que não vejo comida á minha mesa?  
Perdoa-me as dúvidas, tenho que perguntar,  
Se sou teu filho e tu amas porque é que me fazes chorar?  
Ninguém tem a verdade o que sabemos são palpites  
Se sangue é derramado em teu nome é porque o permites?  
Se me destes olhos porque é que não vejo nada?  
Se sou feito á tua imagem porque é que durmo na calçada?  
Será que pedir a paz entre os homens é pedir demais?  
Porque é que sou discriminado se somos todos iguais?  
Porquê?!  
Porquê que os Homens se comportam como irracionais?  
Porquê que guerras, doenças matam cada vez mais?  
Porquê que a Paz não passa de ilusão?  
Como pode o Homem amar com armas na mão? Porquê?  
Peço perdão pelas perguntas que tem que ser feitas  
E se eu escolher o meu caminho, será que me aceitas?  
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei...  
Eu acredito é na Paz e no Amor...  
Por favor não deixes o mal entrar no meu coração,  
Dou por mim a chamar o teu nome em horas de aflição,  
Mas tens tantos nomes, és Rei de tantos tronos,  
E se o Homem nasce livre porque é que é alguns são donos?  
Quem inventou o ódio, quem foi que inventou a guerra?  
Ás vezes acho que o inferno é um lugar aqui na Terra,  
Não deixes crianças sofrer pelos adultos,  
Os pecados são os mesmos o que muda são os cultos,

Dizem que ensinaste o Homem a fazer o bem,  
Mas no livro que escreveste cada um só leu o que lhe convém,  
Passo noites em branco quase sem dormir a pensar,  
Tantas perguntas, tanta coisa por explicar,  
Interrogo-me, penso no destino que me deste,  
E tudo que acontece é porque tu assim quiseste,  
Porque é que me pões de luto e me levas quem eu amo?  
Será que essa é a justiça pela qual eu tanto reclamo?  
Será que só percebemos quando chegar a nossa altura?  
Se calhar desse lado está a felicidade mais pura,  
Mas se nada fiz, nada tenho a temer,  
A morte não me assusta o que assusta é a forma de morrer...  
Porquê que os Homens se comportam como irracionais?  
Porquê que guerras, doenças matam cada vez mais?  
Porquê que a Paz não passa de ilusão?  
Como pode o Homem amar com armas na mão? Porquê?  
Peço perdão pelas perguntas que tem que ser feitas  
E se eu escolher o meu caminho, será que me aceitas?  
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei...  
Eu acredito é na Paz e no Amor...  
Quanto mais tento aprender, mais sei que nada sei,  
Quanto mais chamo o teu nome menos entendo o que te chamei!  
Por mais respostas que tenha a dúvida é maior,  
Quero aprender com os meus defeitos, acordar um homem melhor,  
Respeito o meu próximo para que ele me respeite a mim,  
Penso na origem de tudo e penso como será o fim,

A morte é o fim ou é um novo amanhecer?  
Se é começar outra vez então já posso morrer...  
(Ao largo ainda arde, a barca da fantasia,  
o meu sonho acaba tarde,  
acordar é que eu não queria...)"

A música centra-se na questão da existência ou não de Deus. Numa linguagem acessível e audível a letra da música traduz toda a problemática em questão, sendo um bom ponto de partida para provocar a reflexão pessoal nos alunos. Antes de iniciar a audição da música será distribuída aos alunos uma ficha<sup>96</sup> com a letra da música para que estes possam preencher os espaços em branco. Se for necessário ouviremos novamente a música.

Como síntese da aula será ditado um parágrafo para ficar registado no caderno dos alunos. Terminar-se-á a aula com a saudação de despedida aos alunos.

---

<sup>96</sup> Anexos – Recurso II - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na primeira aula.

Na segunda aula, retomamos os trabalhos com a mesma meta curricular A – Compreender o que são o fenômeno religioso e a experiência religiosa – e o mesmo objetivo: equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.

O objetivo desta aula é facultar conhecimento para que os alunos analisem as diversas formas de recusa de Deus (ateísmo, agnosticismo e relativismo) e, na segunda parte da aula abordar novamente o “acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida”, promovendo a atitude crente como mais otimista face à vivência da pessoa humana.

A aula iniciar-se-á com o habitual acolhimento, perguntando aos alunos se estão bem e se a semana está a correr com normalidade, seguidamente, o sumário será ditado, e será feita oralmente uma síntese dos conteúdos da aula anterior. Logo, de seguida, leremos o texto da página 57: “Deus existe?”. Pedirei a palavra aos alunos que de forma livre farão o seu comentário acerca do texto.

Segue-se a apresentação de um *Prezi*<sup>97</sup> (continuação do mesmo da aula anterior) acerca da fé-crentes, ateísmo, agnosticismo e relativismo, que apresentará alguns exemplos de personalidades que apoiam estas posições. Esta apresentação será intercalada com a leitura dos textos do manual da página 59, 60 e 61.

Como síntese da primeira parte da aula visualizaremos um excerto do filme “Deus não está morto”.<sup>98</sup> Neste filme aparecerá um professor de filosofia ateu e um aluno crente que é desafiado a dar razões da sua fé mostrando que Deus existe. Começa então um debate acérrimo entre o professor e o aluno, ambos estão dispostos a tudo para justificar o seu ponto de vista. Por fim, a turma consente na justificação do aluno e acredita na existência de Deus de forma maioritária. Depois de um comentário oral os alunos responderão no caderno diário à seguinte questão: Em que é que o excerto do filme me ajudou relativamente à questão da existência de Deus?

---

<sup>97</sup> Anexos – Recurso III - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na segunda aula.

<sup>98</sup> Anexos – Recurso IV - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na segunda aula.

Na segunda parte da aula abordaremos a temática da fé e do encontro com Deus, como é possível esse encontro e em que circunstâncias surge. Para isso nos serve de apoio o texto da página 63 do manual: “Uma história de fé” da autora Guida. Pretendemos o contacto com a posição crente relativa à existência de Deus ficando na certeza de que o ser humano é mais feliz quando encontra razões plausíveis para viver.

Por fim, elaboramos em conjunto uma síntese da aula que ficará registada no caderno e proporei aos alunos que respondam a uma questão como trabalho de casa que se encontra na página 66 do manual: “Em que circunstâncias é possível que o ser humano se encontre com Deus?”, tendo como base a leitura do texto “As condições para o encontro com Deus”, presente na mesma página.

“Deus não aparece a um olhar vago, a uma pessoa distraída, a um individuo perdido na diversão. O encontro com Deus tem lugar no próprio centro da pessoa.

Deus também não aparece a um olhar anónimo, característico da pessoa massificada. O Deus que dá o seu nome ao revelar-se, chama o ser humano pelo seu nome próprio e exige que esteja desperto para a sua condição de pessoa.

A redescoberta de Deus exige de nós uma cura lenta de sossego, de concentração, de interiorização, de contemplação, de disponibilidade, de gratuidade, de liberdade interior, de criatividade; necessitamos de um longo período de reabilitação para o espiritual...

Começa a haver encontro com Deus quando um ser humano pessoalmente adulto reconhece a realidade transcendente, reconhece-a como pessoal e põe nela a sua salvação definitiva.”<sup>99</sup> Texto de Juan Martín Velasco (teólogo contemporâneo), *La religión en nuestro tiempo*.

Terminar-se-á a aula motivando para a temática da próxima leção, seguindo-se a despedida dos alunos e do professor.

---

<sup>99</sup> AAVV, *Quero Ser, Manual do Aluno 9º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, (Lisboa: SNEC, 2015), 66.

Na terceira aula pretende-se valorizar a meta curricular C – Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas, tendo como objetivo: identificar as representações de Deus no Judaísmo e Jesus de Nazaré.

Considerando os conteúdos a trabalhar, pretende-se que os alunos percebam e contactem com as representações de Deus no Antigo Testamento e com o Deus de Jesus Cristo no Novo Testamento.

Após o habitual acolhimento aos alunos e registo do sumário que será ditado, faz-se uma abordagem à aula anterior e pede-se aos alunos que partilhem o trabalho de casa que era responder à questão da página 66 do manual: “Em que circunstâncias é possível que o ser humano se encontre com Deus?”, tendo como base a leitura do texto “As condições para o encontro com Deus” presente na mesma página.

Posteriormente, segue-se a apresentação de um Prezi<sup>100</sup> (continuação do mesmo da aula anterior), acerca do fenómeno religioso; as representações de Deus no Antigo e Novo Testamentos.

Esta apresentação terá bastantes imagens que tornarão a aula mais atrativa para os alunos. O professor dará espaço ao diálogo sempre que seja pertinente.

No fim da apresentação os alunos responderão no caderno diário à questão: Quais as características do Deus de Jesus Cristo? (Tarefa da página 72 do manual).

Seguidamente, serão distribuídas pelos alunos a letra e partitura da música: “Quero ser algo de novo” – Hino da Jornada Diocesana da juventude–Lamego no ano 2000.<sup>101</sup>

A música abordará o tema de Deus como Criador, a negação de Deus por parte do ser humano e a esperança que deve existir num futuro alicerçado na audácia da busca da felicidade em Deus.

Por fim, elaboramos em conjunto uma síntese da aula que ficará registada no caderno.

---

<sup>100</sup> Anexos – Recurso V - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na terceira aula.

<sup>101</sup> Anexos – Recurso VI - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na terceira aula.

Terminar-se-á a aula motivando para a temática da próxima aula, seguindo-se a despedida dos alunos e do professor.

Na quarta aula pretende-se valorizar a meta curricular J – descobrir a simbólica cristã (domínio cultura cristã e visão cristã da vida), tendo como objetivo: Destacar a bondade e a grandeza de Deus.

Considerando os conteúdos a trabalhar, pretende-se que os alunos percebam a imensidão e a bondade de Deus através da música e da iconografia, duas formas de arte na representação de Deus.

Após o habitual acolhimento aos alunos e registo do sumário que será ditado, faz-se uma abordagem à aula anterior e pede-se aos alunos que partilhem alguma dúvida que tenha surgido.

Posteriormente, segue-se a interpretação da música: “Quero ser algo de novo” que foi aprendida na última aula. E retomaremos a interpretação da letra que servirá de ponte para os conteúdos a desenvolver na próxima aula.

Haverá mais uma guitarra na sala para uma aluna que irá tocar, esta estratégia facilitará a atenção e motivação por parte dos alunos da turma. Analisaremos a mensagem da letra em função dos conteúdos abordados e dos que iremos trabalhar.

Na segunda parte da aula, iremos trabalhar a iconografia: veremos em conjunto a etimologia da palavra que está presente na página do manual do aluno, depois serão distribuídas imagens numa folha onde os alunos terão que elaborar a sua caracterização.

O professor dará espaço ao diálogo sempre que seja concernente.

Por fim, serão recolhidas as descrições das imagens acerca de Deus e colocadas, as mesmas imagens, em duas cartolinas.<sup>102</sup> Elaboramos a síntese da aula com a participação de todos.

Terminar-se-á a aula motivando para a temática da próxima leção e cantamos a mesma canção do início da aula.

Segue-se a despedida dos alunos e do professor.

---

<sup>102</sup> Anexos – Recurso VII - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na quarta aula.

Na quinta aula pretende-se valorizar a meta curricular I – conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade (domínio cultura cristã e visão cristã da vida), tendo como objetivo: descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.

Considerando os conteúdos a trabalhar, pretende-se que os alunos percebam que através da fé em Deus e com as simultâneas obras podemos construir um mundo mais solidário e fraterno contribuindo para o bem da humanidade.

Após o habitual acolhimento aos alunos e registo do sumário que será ditado, faz-se uma abordagem à aula anterior e pede-se aos alunos que partilhem alguma ideia da quarta aula.

Posteriormente, introduz-se o tema da fé que é mais do que um acreditar em algo. Será entregue uma ficha de trabalho com um texto da carta de São Tiago (Novo Testamento) onde afirma que a fé sem obras é morta. Depois da reflexão acerca do texto procede-se à leitura de algumas biografias de pessoas que marcaram a vida com boas ações, todas elas crentes em Deus. Abordaremos de seguida algumas instituições cristãs empenhadas no bem comum. Os alunos terão que escrever na ficha de trabalho as principais linhas de ação e finalidade de cada instituição.<sup>103</sup> Na segunda parte da aula visualizaremos personalidades, do desporto, que falarão acerca da sua fé: José Mourinho, Cristiano Ronaldo e Fernando Santos.<sup>104</sup> Na mesma ficha de trabalho, que ficará para os alunos arquivarem no caderno, poderão tomar nota do que estes três senhores disserem de relevante para o tema que estamos a trabalhar.

Depois de um breve diálogo acerca do que visualizamos faremos a construção da síntese da aula e o seu registo no caderno diário.

Haverá mais uma vez oportunidade para relembrar a canção: “Quero Ser algo de novo” que será cantada para nos recordar que devemos acreditar em Deus porque Ele está sempre connosco a pedir-nos para sermos audazes no anúncio e nas boas ações.

---

<sup>103</sup> Anexos – Recurso VIII - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na quinta aula.

<sup>104</sup> Anexos – Recurso IX - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na quinta aula.

O professor dará ao longo da aula espaço ao diálogo sempre que seja oportuno.

Terminar-se-á a aula motivando para a última aula que será de resumo e avaliação.

Segue-se a despedida dos alunos e do professor.

Na sexta aula pretende-se valorizar a meta curricular I – conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade (domínio cultura cristã e visão cristã da vida), tendo como objetivo: descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.

Considerando os conteúdos a trabalhar, e como resumo da unidade letiva, pretende-se que os alunos percebam que através da fé em Deus e com as simultâneas obras podemos construir um mundo mais solidário e fraterno contribuindo para o bem da humanidade e que é possível ser santo sem deixar de ser jovem.

Após o habitual acolhimento aos alunos e registo do sumário que será ditado, faz-se uma abordagem à aula anterior e pede-se aos alunos que partilhem alguma ideia que os tenha marcado na quinta aula ou da visualização do filme: Chiara Luce Badano.<sup>105</sup>

Logo de seguida, será visto o vídeo “Precisa-se de Santos”<sup>106</sup>, onde será reproduzida uma canção onde o tema central é ser santo com calças de ganga, ser santo mesmo sendo jovem.

Posteriormente, distribui-se uma ficha de avaliação<sup>107</sup> acerca dos conteúdos desenvolvidos na unidade letiva: Deus, o grande mistério. A correção será feita logo que os alunos acabem e serão eles a corrigir as fichas dos colegas com a ajuda do professor.

Posto isto, será projetado um vídeo resumo e de reflexão.<sup>108</sup> Será transmitido aos alunos que devem estar alerta com os falsos deuses - ídolos e estimula para que eles tenham mais esperança e sejam mais audazes na sua juventude.

Ser santo mesmo sendo jovem é o que é pretendido na mensagem cristã. Serão entregues aos alunos pedaços de ganga<sup>109</sup> onde escreverão uma frase/mensagem a Deus.

---

<sup>105</sup> Anexos – Recurso X - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na sexta aula.

<sup>106</sup> Anexos – Recurso XI - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na sexta aula.

<sup>107</sup> Anexos – Recurso XII - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na sexta aula.

<sup>108</sup> Anexos – Recurso XIII - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na sexta aula.

<sup>109</sup> Anexos – Recurso XIV - Materiais pedagógico-didáticos utilizados na sexta aula.

Nesse mesmo pedaço constará o nome da disciplina. É uma forma de recordação da unidade letiva: Deus, o Grande mistério.

Solicitaremos aos alunos para abrirem o livro na página 92 do manual, e lermos o texto do Papa Francisco onde nos recorda que Deus é atual e concreto, Deus vive em cada um de nós e, por isso, nós temos a missão de ser rosto de Deus no mundo.

O professor dará ao longo da aula espaço ao diálogo sempre que seja pertinente.

Terminar-se-á a aula agradecendo o trabalho dos alunos e a atitude positiva que demonstraram ao longo da unidade letiva. A síntese da aula convidará já para a introdução da próxima unidade letiva.

Segue-se a despedida dos alunos e do professor.

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: “Deus, o grande mistério”.

Aula n.º 1/6

Ano: 9.º Turma: A e C

Data: 07/02/2017

Tempo previsto: 45min.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
<b>SUMÁRIO: Início da unidade lectiva “Deus, o grande mistério”</b> <b>O acreditar e o confiar humanos.</b> <b>A questão da existência de Deus.</b>						
<b>A-Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>	1- Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	1- O acreditar e o confiar humanos.  2- A problemática da existência de Deus: crença e razão.	-Acolhimento e Apresentação -registo do sumário.  -Breve contextualização da unidade letiva “Deus, o grande mistério”.  -Diálogo acerca de Deus.  -distribuição das palavras para completar as questões que serão projetadas.  -audição da música “Que Deus?” e completar a letra da música na ficha de trabalho.  -Interpelação da letra da música no caderno diário.  -Elaboração da síntese da aula. -despedida aos alunos.	Caderno diário  Computador e vídeo projetor.  Pequenos papéis com palavras.  Colunas de som  Fichas de trabalho (letra da música)	8 min.  10min.  5min.  7min  10min  5min.	.Participação ativa e organizada;  Respeito pelos outros  Atenção  Cumprimento das tarefas propostas

**Síntese:** A dimensão da questão da existência de Deus é bastante humana e deve-se articular entre a fé e a razão.

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: “Deus, o grande mistério”.

Aula n.º 2/6

Ano: 9 Turma: A e C

Data: 14/02/2017

Tempo previsto: 45min.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
<b>SUMÁRIO: Várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida</b>						
<b>A-Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>	1- Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	1 – As várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo.  2 - Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida.	-Acolhimento dos alunos -registo do sumário em forma de ditado.  - Breve diálogo sobre a aula anterior. e contextualização dos conteúdos da segunda aula.  -Leitura do texto da página 57 “Deus existe?” segue-se o comentário dos alunos orientado pelo professor.  -Apresentação de um <i>prezi</i> com as várias opções humanas face à questão de Deus. Será intercalada com a leitura de partes dos textos do manual da página 59, 60, 61. que ajudam a perceber as várias formas de recusa de Deus. -Visualização de um excerto do filme: “Deus não está morto” como síntese da apresentação anterior.	Caderno diário      Manual do aluno  Computador e video projector.  <i>Software prezzi.</i>	4 min.  5min.  7min.  8min.  11min.	Participação ativa e organizada;      Respeito pelos outros;     Verificar a capacidade de atenção e de concentração;

			<p>Comentário oral e resposta no caderno diário à seguinte questão: Em que é que este filme me ajudou relativamente à questão da existência de Deus?</p> <p>- Leitura por parte de um aluno(a) do texto da página 63 –“Uma história de fé” autora Guida. - Reflexão oral acerca do mesmo texto.</p> <p>-Elaboração conjunta da síntese da aula e o seu registo no caderno. - Proposta de trabalho de casa. -Despedida aos alunos.</p>	<p>Colunas de som</p> <p>Filme: “Deus não está morto”</p>	<p>6min.</p> <p>3min.</p> <p>2min.</p>	<p>Intervenções fundamentadas e críticas.</p> <p>Responsabilidade no cumprimento das tarefas propostas.</p>
<p><b>Síntese:</b> Existem várias formas de recusa de Deus e que o acreditar em Deus dá sentido à existência humana.</p>						

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: “Deus, o grande mistério”.

Aula n.º 3/6

Ano: 9 Turma: A e C

Data: 21/02/2017

Tempo previsto: 45min.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
<b>SUMÁRIO: O fenómeno religioso. As representações de Deus na arte. O Deus de Jesus Cristo.</b>						
<b>A-Identificar o núcleo central das várias tradições Religiosas.</b>	1- Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.	1 – Representações de Deus no Antigo Testamento: Judaísmo.  2 - O Deus de Jesus Cristo: Cristianismo.	-Acolhimento dos alunos -registo do sumário em forma de ditado.  - Breve diálogo sobre a aula anterior e avaliação do trabalho de casa. Contextualização dos conteúdos da terceira aula.  -Apresentação de um <i>prezi</i> com as características do fenómeno religioso, com imagens de deuses da antiguidade das diversas civilizações e o Deus de Jesus Cristo.  -Resposta no caderno diário à questão: Quais as características do Deus de Jesus Cristo? (Tarefa da página 72 do manual)	Caderno diário  Computador e vídeo projector.  <i>Software prezí.</i>  Manual do aluno	4 min.  5min.  12min.  8min.	Participação ativa e organizada;  Respeito pelos outros;  Verificar a capacidade de atenção e de concentração;  Intervenções

			<ul style="list-style-type: none"> <li>-Interpretação da música: "Quero Ser algo de novo"</li> <li>-análise da música.</li> </ul>	Guitarra	14min.	fundamentadas e críticas.
			<ul style="list-style-type: none"> <li>-Elaboração conjunta da síntese da aula e o seu registo no caderno.</li> <li>-Despedida aos alunos.</li> </ul>		2min.	Responsabilidade no cumprimento das tarefas propostas.

**Síntese:** Ao Longo da história sempre se representou Deus nas diversas culturas e civilizações. O Deus de Jesus Cristo é Amor.

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: “Deus, o grande mistério”.

Aula n.º 4/6

Ano: 9 Turma: A e C

Data: 07/03/2017

Tempo previsto: 45min.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>SUMÁRIO: As representações de Deus na arte. Deus na música e na iconografia.</b>						
<b>J. Descobrir a simbólica cristã (domínio Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida).</b>	1- Conhecer e descobrir o significado do património artístico religioso e da simbólica cristã;	1. A imensidão e a bondade de Deus;	-Acolhimento dos alunos -registo do sumário em forma de ditado.  -Breve diálogo sobre a aula anterior. Contextualização dos conteúdos da quarta aula.  -Interpretação da música: “Quero Ser algo de novo” continuação da aula anterior. -Análise da música.  -Apresentação de algumas imagens (iconografia) impressas. Descrição individual da imagem. Elaboração de cartazes.  -Leitura do texto da página 74.	Caderno diário  Guitarra  Imagens impressas em papel acerca das representações de Deus na arte.  Cartolinas, cola e tesoura.	5 min.  5min.  12min.  12min.  6min.	Participação ativa e organizada;  Respeito pelos outros;  Verificar a capacidade de atenção e de concentração;  Intervenções fundamentadas e

			<p>Comentário por parte dos alunos.</p> <p>-Elaboração conjunta da síntese da aula e o seu registo no caderno.</p> <p>-Finalização da aula com a canção aprendida.</p> <p>-Despedida aos alunos.</p>	<p>Manual do aluno</p> <p>Guitarra</p>	<p>2min.</p> <p>3min.</p>	<p>críticas.</p> <p>Responsabilidade no cumprimento das tarefas propostas.</p>
--	--	--	--	--	---------------------------	--

**Síntese:** O ser humano necessita de representar Deus para mais facilmente se relacionar com Ele. As diferentes formas de arte são aproximações ao mistério que é Deus.

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: “Deus, o grande mistério”.

Aula n.º 5/6

Ano: 9 Turma: A e C

Data: 14/03/2017

Tempo previsto: 45min.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>SUMÁRIO: As transformações no mundo provocadas pela vivência da fé cristã. Exemplos de vidas e instituições que contribuíram para um mundo mais solidário e fraterno.</b>						
<b>I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade (domínio Cultura Cristã e Visão cristã da vida)</b>	1. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	Testemunhos de vidas com sentido sustentadas na fé em Deus;  Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.	-Acolhimento dos alunos -Registo do sumário em forma de ditado.  -Breve diálogo sobre a aula anterior. -Contextualização dos conteúdos da quinta aula.  -Explicação de fé e acreditar.  -Distribuição das fichas de trabalho. -Elaboração conjunta da mesma, ao longo do decorrer da aula. Leitura intercalada de textos do manual.  -Apresentação de vídeos de personalidades da atualidade que afirmam crer em Deus e ter fé. -José Mourinho.	Caderno diário.     Fichas de trabalho.  Manual do aluno.   Computador, projetor colunas de som.	5min.   5min.  5min.  12min.   10min.	Participação ativa e organizada;   Respeito pelos outros;   Capacidade de atenção e de concentração;   Intervenções fundamentadas e críticas.

			-Cristiano Ronaldo. -Fernando Santos.  -Elaboração da síntese da aula.  -Interpretação da canção aprendida na última aula. -Despedida aos alunos	Guitarra.	3min.  5min.	Responsabilidade no cumprimento das tarefas propostas.
--	--	--	--	-----------	--------------------	--

**Síntese:** Deus atua no mundo através das ações e do testemunho de pessoas que ousam confiar nele e se empenham na sociedade e no bem comum.

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: “Deus, o grande mistério”.

Aula n.º 6/6

Ano: 9º Turma: A e C

Data: 28/03/2017

Tempo previsto: 45min.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>SUMÁRIO: Jovens santos de calças de ganga.</b> Realização da ficha de avaliação de conteúdos da unidade letiva “Deus, o grande mistério”.						
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	1. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	Testemunho de vida com sentido sustentada na fé em Deus.	-Acolhimento dos alunos -Registo do sumário em forma de ditado.  -Breve diálogo sobre a aula anterior. -Contextualização dos conteúdos da última aula da unidade letiva.  -Diálogo acerca do filme da vida de Chiara Luce Badano.  -Vídeo “Precisa-se de Santos”.  -Elaboração da ficha de avaliação. -Correção das fichas de Avaliação por parte dos alunos.  -Projeção do filme resumo e reflexão.  -Uma mensagem para Deus em calças de ganga.	Caderno diário.     Computador, colunas e projetor.  Fichas de Avaliação.  Computador, colunas e projetor.  Pedacos de Calças de Ganga.	5min.  2min.  4min.  4min.  10min. 8min.  4min.  5min.	Participação ativa e organizada;  Respeito pelos outros;  Capacidade de atenção e de concentração;  Intervenções fundamentadas e críticas.  Responsabilidade no

			-Leitura do texto do Papa Francisco da página 92.	Manual do aluno	2min.	cumprimento das tarefas propostas.
			- Registo da frase síntese da aula. -Despedida aos alunos.	Caderno diário.	1min.	

**Síntese:** A presença de Deus na nossa vida faz-nos criar projetos cheios de esperança, onde é possível levar ao mundo uma mensagem de amor.

#### *4. – Avaliação da unidade letiva*

##### *Avaliação da Aula 1 (7-2-2017)*

No dia 7 de fevereiro de 2017, foi lecionada a primeira aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), na turma do 9.º ano, turmas – A e C. Esta foi a primeira aula de seis, planejadas para a unidade letiva “Deus, o grande Mistério”. Nesta aula foi realizada uma introdução à unidade letiva e abordou-se a dimensão da questão da existência de Deus.

Tanto as estratégias como os recursos implementados tiveram sucesso no decorrer da aula: foi projetado através do Prezi alguns tópicos de reflexão e ouvimos a música "Que Deus?" do músico, Boss AC, que era conhecida por alguns alunos.

Os objetivos que nos propusemos foram atingidos e a planificação foi cumprida. Foi notório o interesse dos alunos como a sua participação e o seu bom comportamento na sala de aula.

##### *Avaliação da Aula 2 (14-2-2017)*

No dia 14 de fevereiro de 2017, foi lecionada a segunda aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), na turma do 9.º ano, turmas – A e C. Esta foi a segunda aula planejada para a unidade letiva “Deus, o grande Mistério”. Nesta aula o sumário foi ditado, prática a adotar nas próximas aulas, porque ajuda na relação entre o professor e os alunos “economizando tempo” para abordar os conteúdos. Destacamos, novamente, os bons resultados decorrentes dos recursos utilizados. A primeira parte da aula centrou-se na apresentação de algumas formas de não-aceitação da presença, conhecimento ou indiferença para com Deus (ateísmo, agnosticismo, relativismo). Na segunda parte, os alunos contactaram com o acreditar em Deus.

Salientamos, de forma muito positiva, o excerto do filme "Deus não está morto". Com este excerto os alunos conseguiram atingir facilmente os objetivos propostos e ficaram entusiasmados para descobrir melhor estas questões sobre a existência de Deus.

Os objetivos que nos propusemos foram atingidos e a planificação foi cumprida. Foi notório o interesse dos alunos como a sua participação e seu bom comportamento na sala de aula. Deve-se estimular a participação mais ativa por parte de alguns alunos.

#### Avaliação da Aula 3 (21-2-2017)

No dia 21 de fevereiro de 2017, foi lecionada a terceira aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), na turma do 9.º ano, turmas – A e C. Foi a terceira aula planificada para a unidade letiva “Deus, o grande Mistério”. Nesta aula o sumário foi ditado, prática que se mantém e ajuda na concentração da turma. Destacamos, novamente, os bons resultados decorrentes dos recursos utilizados.

A primeira parte da aula abordou-se o fenómeno religioso e os diversos deuses nas civilizações Egípcia, Grega e Romana. Abordamos as representações de Deus na arte e analisámos características do Deus de Jesus Cristo. Na segunda parte, com a ajuda da guitarra os alunos aprenderam o refrão de uma música alusiva aos conteúdos que estivemos a tratar e sobretudo como introdução aos temas das próximas aulas. A canção foi aprendida, especialmente o refrão, na próxima aula começaremos com essa mesma música para analisarmos melhor a letra da mesma.

Os objetivos que nos propusemos foram atingidos e a planificação foi cumprida. Foi notório o interesse dos alunos como a sua participação e seu bom comportamento na sala de aula. Deve-se estimular a participação mais ativa por parte de alguns alunos.

#### Avaliação da Aula 4 (07-3-2017)

No dia 07 de Março de 2017, foi lecionada a quarta aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), na turma do 9.º ano, turmas – A e C. Foi a quarta aula planificada para a unidade letiva “Deus, o grande Mistério”. Nesta aula seguiu-se o esquema introdutório como nas aulas anteriores que cativa os alunos para o desenrolar da aula. Destacamos, novamente, os bons resultados decorrentes dos recursos utilizados.

A primeira parte da aula abordou-se a música como lugar artístico para falar de Deus e onde o Criador se manifesta. Na segunda parte, com a ajuda de algumas imagens, os alunos perceberam o que era a iconografia e elaboraram uma cartolina com ícones. Foi a oportunidade de cada aluno construir uma descrição do próprio ícone, fomentando a capacidade de olhar para a arte de forma crítica.

Por fim, voltamos a cantar a música como forma de terminar a aula com boa disposição. Uma aluna foi convidada também a tocar guitarra, o que ajudou na motivação dos colegas.

Os objetivos que nos propusemos foram atingidos e a planificação foi cumprida. Foi notório o interesse dos alunos como a sua participação e seu bom comportamento na sala de aula. Deve-se destacar o impacto da canção aprendida, os alunos saíram da sala e iam a cantar o refrão pelo corredor.

#### Avaliação da Aula 5 (14-3-2017)

No dia 14 de Março de 2017, foi lecionada a quarta aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), na turma do 9.º ano, turmas – A e C. Foi a quinta aula planificada para a unidade letiva “Deus, o grande Mistério”. Nesta aula seguiu-se o esquema introdutório e com uma notória relação com os alunos facilitando, assim, o desenrolar da aula.

Destacamos, os bons resultados decorrentes dos recursos utilizados e, cada vez mais, com melhor aproveitamento por parte dos alunos.

A primeira parte da aula abordou-se a dimensão da fé e do acreditar humanos em Deus. Na segunda parte, com a ajuda da ficha de trabalho e com a visualização dos vídeos pode-se explorar algumas personalidades que deram um contributo em prol do bem comum, instituições que ajudam a que este mundo seja mais solidário e fraterno e, por fim, as personalidades do desporto que assumem uma atitude crente em Deus e dão testemunho disso.

No término da aula voltamos a cantar a música como forma de terminar a aula com boa disposição e recordar que nós temos que ser audazes no anúncio da esperança, realmente Deus está em cada um de nós.

Os objetivos que nos propusemos foram atingidos e a planificação foi cumprida. Foi notório o interesse dos alunos, assim, como a sua participação e bom comportamento na sala de aula. Deve-se destacar o impacto das personalidades da atualidade que entusiasmaram os alunos a não ter medo de acreditar.

#### Avaliação da Aula 6 (28-3-2017)

No dia 28 de Março de 2017, foi lecionada a sexta aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), na turma do 9.º ano, turmas – A e C. Foi a sexta e última aula planificada para a unidade letiva “Deus, o grande Mistério”. Nesta aula o tema central era a avaliação dos conteúdos lecionados. Destacamos, novamente, os bons resultados decorrentes dos recursos utilizados e o bom aproveitamento por parte dos alunos.

A aula começou com a introdução habitual, dialogamos um pouco acerca do filme da Chiara Luce Badano e, de seguida, os alunos fizeram a ficha de avaliação de verdadeiro e falso. Procedemos logo, de seguida, à sua correção. Salientamos que todos os alunos

conseguiram bons resultados e o facto de serem eles a corrigir as fichas de avaliação dos colegas manifestou-se no entusiasmo e na concentração.

A visualização do filme-resumo consolidou e reavivou a memória do que tínhamos abordado ao longo das aulas. A entrega do pedaço de calças de ganga e o registo de uma mensagem para Deus no mesmo tecido serviu como uma recordação da unidade letiva.

Os objetivos que nos propusemos foram atingidos e a planificação foi cumprida. Foi notório o interesse dos alunos como a sua participação e seu bom comportamento na sala de aula. Deve-se destacar o impacto do bom resultado da ficha de avaliação e o entusiasmo dos alunos.

## 5. – Síntese

Neste momento é importante referir que a experiência de lecionação era bastante reduzida, mas o que exigiu um esforço redobrado de aprendizagem no contexto de planificação e lecionação.

A planificação foi construída com o máximo rigor para a turma que escolhemos, tendo em conta as características da turma e de cada aluno, avaliando as suas dificuldades e os seus anseios.

Todas as planificações foram cumpridas com sucesso, a gestão do tempo foi um factor que foi trabalhado progressivamente uma vez que era mais necessário a relação que se estabelece com os alunos do que a relação que se estabelece com o “relógio”.

A participação atenta e entusiasta por parte dos alunos favoreceu a transmissão de conhecimentos e os recursos utilizados ajudaram a manter a motivar e a cativar os alunos para a Unidade Letiva em questão.

Em suma, esta experiência foi bastante gratificante e motivadora porque proporcionou reconhecer a missão bela de ser professor da disciplina de EMRC. Foi uma oportunidade única e marcante porque permitiu crescer e aprofundar conhecimentos teóricos e práticos, juntamente com os colegas do núcleo de estágio, no sentido de dialogar as estratégias, recursos e experiências que nos serão bastante úteis no futuro.

## Conclusão

A necessidade de Deus é uma realidade. Como afirma o Papa Francisco, se o ser humano se afasta de Deus para se encontrar melhor a si, a sua existência fracassa.<sup>110</sup> É, neste sentido, que Deus dá sentido: viver próximo da fonte da felicidade torna-nos mais felizes e realizados neste mundo.

Depois da reflexão da Unidade Letiva – Deus, o grande Mistério, chegamos à conclusão como transmite o Papa: “Deus é real se se manifesta no hoje. Deus está em toda a parte. Existe a tentação de procurar Deus no passado ou no futuro. Mas o Deus ‘concreto’ é hoje.”<sup>111</sup>

Sentimos de perto (no hoje) a indiferença da sociedade para falar de Deus e pensar no Mistério que realmente O habita, mas ainda assim, o ser humano manifesta a necessidade de Deus.

Apresentando a disciplina de Educação Moral Religiosa Católica como um contributo importante para a formação integral do aluno, a questão religiosa e a reflexão acerca da questão de Deus e do sentido da vida tornam-se o centro e o fundamento do seu existir. Na verdade, a disciplina de EMRC, procura apresentar Deus de uma forma consciente e interpelante – Deus é a meta para um mundo mais habitável, capaz de nos fazer entender o fenómeno religioso e onde o nosso agir deverá ser pautado pelos valores cristãos.

Abordar este tema implica uma grande atitude de humildade, pois, quanto mais se avança no conhecimento do Mistério de Deus, tanto mais se entende a sua grandiosidade e mais pequenos nos sentimos perante tal realidade, ou melhor, coloca-nos na dimensão correta.

A iniciativa do encontro entre Deus e o ser humano parte de Deus que é Amor e é Mistério. Sem a Sua manifestação no mundo nós nunca O poderíamos conhecer.

---

<sup>110</sup> Cf. Francisco, *Carta Encíclica Lumen Fidei*, n.º 19.

<sup>111</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Quero Ser, Manual do Aluno 9º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 92.

Na verdade, Deus continua a manifestar-se no mundo como Mistério, e para o Teólogo Karl Rhaner o mistério permanece mesmo quando vemos o Mistério, já não se trata de uma realidade provisória no tempo, mas que permanece na eternidade. O Mistério é a realidade de Deus.

Desta forma, a compreensão possível da incompreensibilidade de Deus, reside no termo mistério, isto é, plenitude de Vida, de Luz e de Amor que não se esgota – mesmo vendo-O continuamos sem ver a totalidade do que É.

Numa atitude de liberdade, Deus convida o ser humano a entrar em relação com Ele. A encarnação de Cristo é a maior prova de que Deus não é inimigo do mundo; mas também é a prova de que não é possível crer em Deus e Pai de Jesus Cristo à margem ou fugindo deste mundo. E a razão é clara: “Deus amou tanto o mundo que lhe entregou o seu Filho único” (Jo 3,16). Através da fé conhecemos melhor Deus, o grande Mistério.

A intenção ao longo da lecionação foi pautada pela descoberta de Deus que é Mistério de Amor e consciencializar os alunos desta certeza - Deus está para além de todo o conhecimento e de toda a reflexão, é imensamente maior do que poderemos pensar. Deus procura que o ser humano viva uma vida com sentido e alicerçada no agir conforme o Evangelho. Devemos marcar pela diferença, isto é, falar de Deus com alegria e sem receio.

A experiência da lecionação foi bastante enriquecedora, potenciou o desenvolvimento de competências pedagógicas e didáticas que ajudarão na missão enquanto docente de EMRC a um maior sucesso de ensino aprendizagem. Foi bastante positivo o facto de os alunos manifestarem interesse e empenho por descobrir de forma audaz este tema. (ao contrário do que vulgarmente se pensa)

O ensino de EMRC é deveras importante e pertinente porque permite o crescimento dos alunos de uma forma integral onde o tema de Deus é dialogado e refletido e não colocado como tabu o de menor importância. Por isso, a disciplina contribui para o melhoramento da vida em sociedade promovendo o bem-estar e o progresso da civilização.

## **Bibliografia**

### **1. Bíblia**

Bíblia de Jerusalém. S. Paulo: Paulinas, 1980.

### **2. Documentos do Magistério da Igreja**

Conselho Pontifício Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Editora Principia, 2005.

Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática *Dei Verbum*. Braga: Editorial A.O, 1992.

Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática *Sacrossanctum Concilium*. Braga: Editorial A.O, 1992.

Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Braga: Editorial A.O, 1992.

Concílio Ecuménico Vaticano II, Declaração *Gravissimum Educationis*, Braga: Editorial A.O, 1992.

Francisco, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 29 de junho de 2013. in AAS 113. 2013.

Paulo VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Braga: Editorial A.O, 1990.

### **3. Documentos da Conferência Episcopal Portuguesa**

Conferência Episcopal Portuguesa. *A Igreja na Sociedade democrática*. Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2000.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2002.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade*. Lisboa: SNEC, 2006.

#### **4. Dicionários**

Costa, Joaquim Almeida e Melo, António de Sampaio e. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto: Porto editora, 2006.

Mora, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

#### **5. Bibliografia específica**

Alfaro, Juan. *La dimensión trascendental en el conocimiento humano de Dios*. in *Gregorianum* 55, 1974.

Boff, Leonardo. *A Trindade, a Sociedade e a Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Duque, João Manuel. *Homo credens: para uma teologia da fé*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.

Farias, José Jacinto Ferreira De. “*A visão beatífica e a noção de mistério em K. Rahner*”, in *Diadaskalia* XXXVIII, 2008.

Faus, José Ignacio González., e Sotelo, Ignacio. *Deus e a fé – Razões do crente e do não crente*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005.

Kasper, Walter. *El Dios de JesuCristo*. Salamaca: Sígueme, 2011.

Ladária, Luís Francisco. *El Dios Vivo y verdadero, El misterio de la Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2010.

Libanio, João Baptista e Murad, Afonso. *Introdução à Teologia. Perfil, Enfoques, Tarefas*. S. Paulo: Loyola, 1996.

Moltmann, Jurgen. *Trinidad y Reino de Dios. La doctrina sobre Dios*. Salamanca: Sígueme, 1987.

Mourão, José Augusto Miranda. *Dizer ou não dizer Deus – Para uma enunciação poética de Deus*, in *Reflexão Cristã* 54, 1987.

Nolan, Albert. *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical*. Prior Velho: Paulinas, 2008.

Pinho, José Eduardo Borges De. “*A questão de Deus e a consciência crítica dos fiéis*”. in *Didaskalia* XXXII, 2002.

Rahner, Karl. *Curso Fundamental da Fé. Introdução ao conceito de cristianismo*. S. Paulo: Paulinas, 1989.

Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. Cascais: Principia, 2005.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Quero Ser, Manual do Aluno 9º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2015.

Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2014.

Teixeira, João António Pinheiro. *O acesso do homem a Deus em Xavier Zubiri*, in *Diadaskalia XXX*, 2000.

Velasco, Juan. *La experiencia Cristiana de Dios*. Madrid: Editorial Trotta, 1973.

## **6. Bibliografia geral**

Aavv. *A Fé dos Católicos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991.

Aavv. *Catecismo da Igreja Católica*. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

Ambrosio, Juan Francisco. *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*. In *Communio*; XVIII (2001/ 5).

Antunes, José Paulo. *(In)definições, Caderno de teoria das artes, série geral 4*, coordenação Yolanda Espiña & Pedro Monteiro. Porto: UCP–Porto, 2015.

Arends, Richard. *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda, 1995.

Boavida, João e Amado, João. *Ciências da Educação epistemologia, identidade e perspectivas*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

Kudelska, Anna. *“Ícones Sacros e Ícones de design” – Entre espiritualidade e tecnologia*. PhD diss., Universidade de Lisboa, 2014.

Milaret, Gaston. *As Ciências da Educação*. Lisboa: Moraes Editores, 1996, 15.

Olegario, González De Cardedal. *Educación y educadores, El primer problema moral de Europa*. Madrid: PPC Editorial y distribuidora, 2005.

Rodrigues, Jorge. *BentoXVI: Pela música-pela oração*. Lisboa: só, 2010.

S. Cipriano, unit. Eccl.: PL 4, 503 A

Serralheiro, Deolinda. *O acto educativo religioso e moral*. Lisboa: SNEC, 1993.

Tomás de Aquino, *Summa contra Gentiles* L. IV, c

## **7. Discursos do Sumo Pontífice**

Bento XVI. “Discurso no final do concerto oferecido pelo Presidente da República italiana no quinto aniversário do Pontificado (29-4-2010)”. in L’Osservatore Romano, Edição semanal em Português, 19 (8-5-2010) 3.

Bento XVI. “Discurso no final do concerto oferecido pelo cardeal Bartolucci (31-8-2011)”. in L’Osservatore Romano, Edição semanal em Português, 36 (3-9-2011) 8-9.

Bento XVI. “Discurso à associação italiana Santa Cecília (10-11-2012)”. in L’Osservatore Romano, Edição semanal em Português, 46 (17-11-2012) 7.

Francisco. “Discurso aos Participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica (13-02-2014)”. in L’Osservatore Romano, Edição semanal em Português 8 (2014) 5.

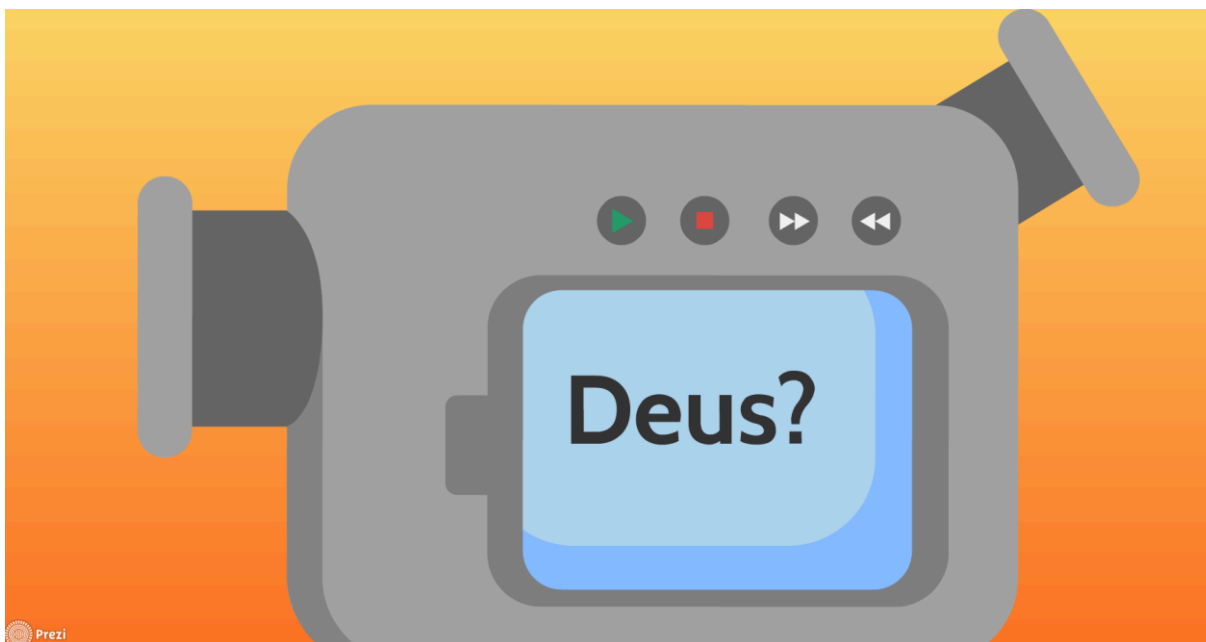
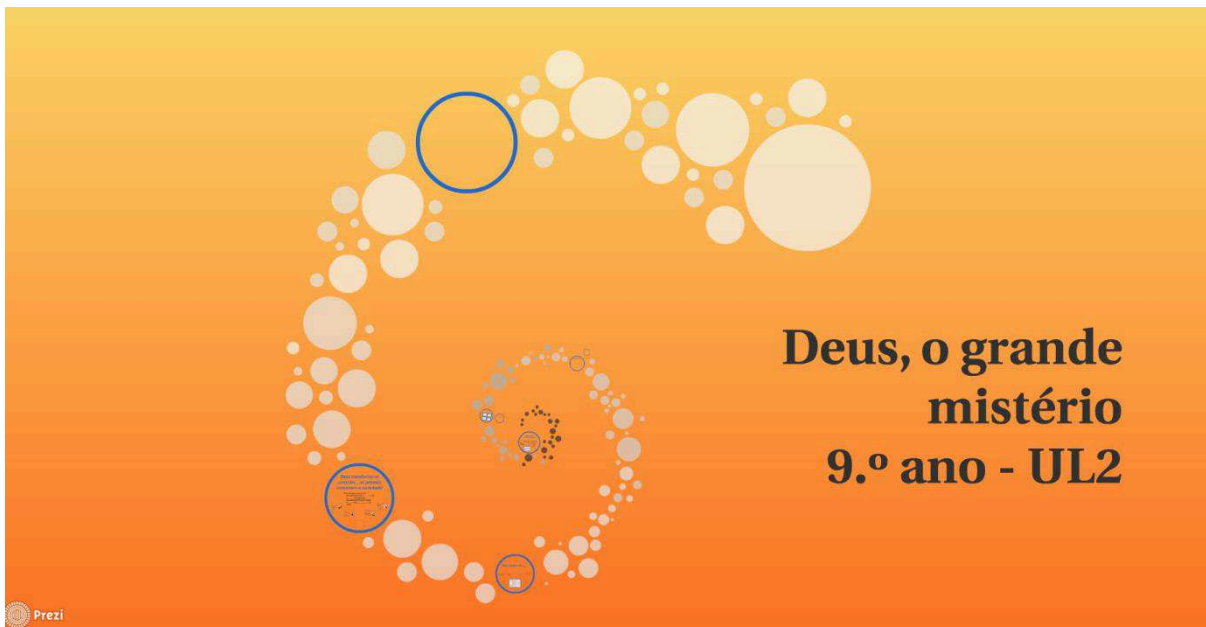
## **8. Netgrafia**

[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_23041999\\_artists.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html).

[http://www.chicagomanualofstyle.org/tools\\_citationguide.html](http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html).

## Anexos

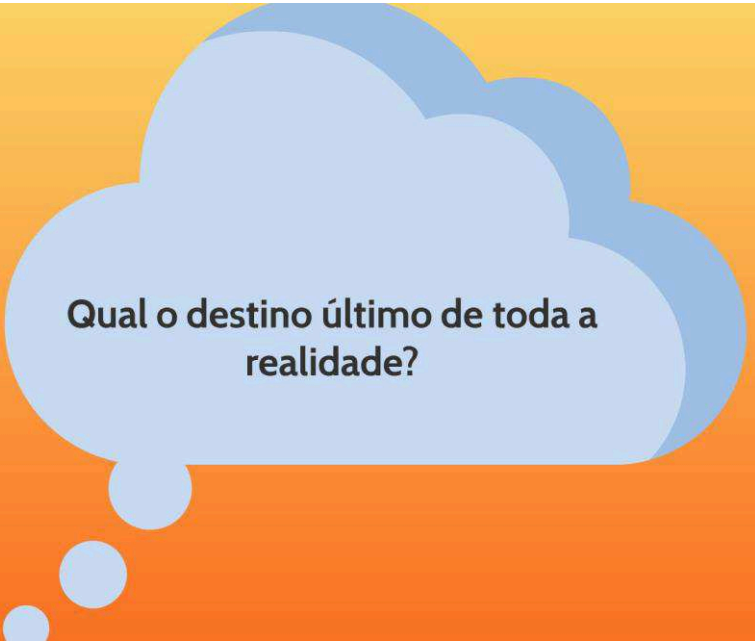
*Recurso I – Materiais pedagógico-didáticos utilizados na primeira aula.*



A large, light blue thought bubble with a darker blue shadow behind it, set against a background with a vertical orange-to-yellow gradient. Three smaller circles of the same color trail downwards from the bottom of the bubble.

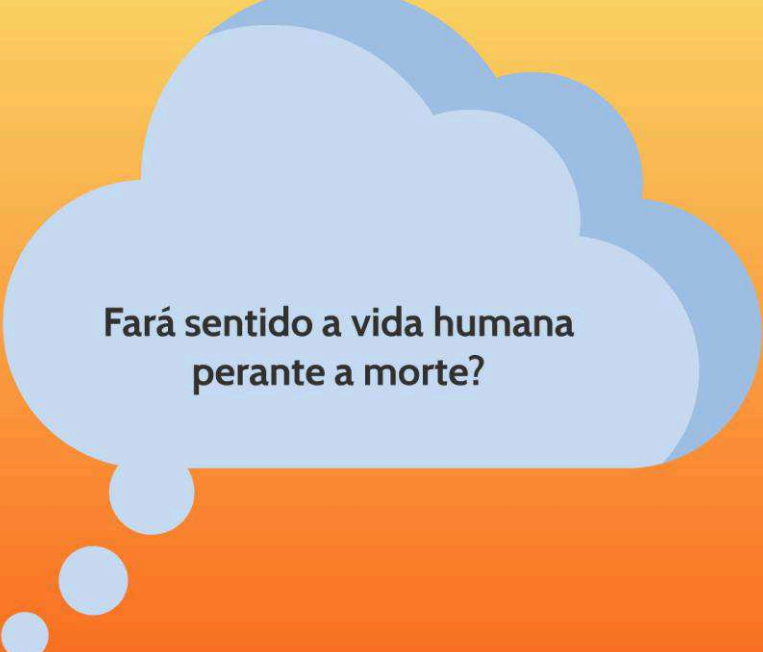
**Qual a origem de todas as coisas?**

Prezi

A large, light blue thought bubble with a darker blue shadow behind it, set against a background with a vertical orange-to-yellow gradient. Three smaller circles of the same color trail downwards from the bottom of the bubble.

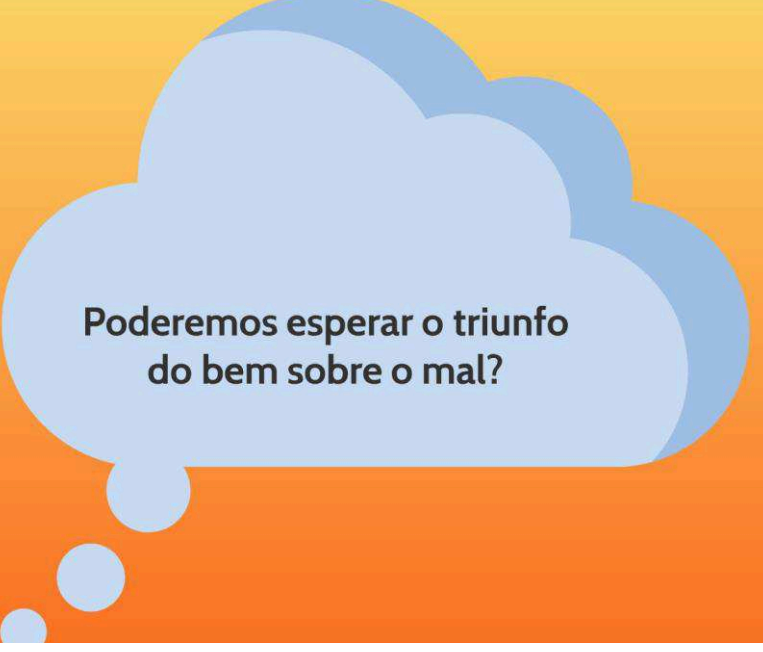
**Qual o destino último de toda a realidade?**

Prezi

A large, light blue thought bubble with a drop shadow, containing the text. Below it are three smaller circles of decreasing size, also in light blue, leading to the main bubble. The background is a gradient from light orange at the top to dark orange at the bottom.

**Fará sentido a vida humana  
perante a morte?**

Prezi

A large, light blue thought bubble with a drop shadow, containing the text. Below it are three smaller circles of decreasing size, also in light blue, leading to the main bubble. The background is a gradient from light orange at the top to dark orange at the bottom.

**Poderemos esperar o triunfo  
do bem sobre o mal?**

Prezi

# A questão da existência de Deus



## Interrogação humana fundamental

### Procura:

- do Transcendente
- da Divindade
- do Sagrado

### Realidade:

- humana
- universal

### Resultado da experiência:

- do sofrimento
- da finitude
- da ausência de sentido
- de encontro
- da verdade
- da felicidade



Prezi

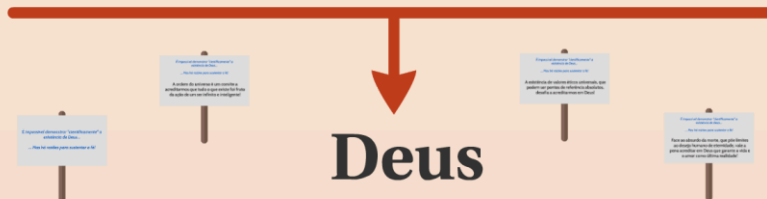
Desde sempre, o ser humano é um ser religioso!

Origem primeira

$\alpha$

Fim último

$\Omega$



É apenas humano acreditar e confiar em Deus!

Prezi

*É impossível demonstrar "cientificamente" a  
existência de Deus...*

*... Mas há razões para sustentar a fé!*

*É impossível demonstrar "cientificamente" a  
existência de Deus...*

*... Mas há razões para sustentar a fé!*

**A ordem do universo é um convite a  
acreditarmos que tudo o que existe foi fruto  
da ação de um ser infinito e inteligente!**

*É impossível demonstrar "cientificamente" a existência de Deus...*

*... Mas há razões para sustentar a fé!*

**A existência de valores éticos universais, que podem ser pontos de referência absolutos, desafia a acreditarmos em Deus!**

*É impossível demonstrar "cientificamente" a existência de Deus...*

*... Mas há razões para sustentar a fé!*

**Face ao absurdo da morte, que põe limites ao desejo humano de eternidade, vale a pena acreditar em Deus que garante a vida e o amor como última realidade!**

Educação Moral e Religiosa Católica

9ºano do ensino básico

Turmas: A e C



Nome \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_

Há perguntas que têm que ser feitas...

Quem quer que sejas, onde quer que estejas,  
Diz-me se é este o mundo que desejas?!  
Homens rezam, acreditam, morrem por ti,  
Dizem que estás em todo o lado, mas não sei se já te vi.  
Vejo tanta dor no mundo pergunto-me se \_\_\_\_\_,  
Onde está a tua alegria, neste mundo de homens tristes?  
Se ensinas o \_\_\_\_\_, porque é que somos maus por natureza?  
Se tudo podes, porque é que não vejo comida à minha mesa?  
Perdoa-me as dúvidas, tenho que perguntar,  
Se sou teu filho e tu me \_\_\_\_\_, porque é que me fazes chorar?  
Ninguém tem a verdade o que sabemos são palpites  
Se sangue é derramado em teu nome é porque o permites?  
Se me destes olhos, porque é que não vejo nada?  
Se sou feito à tua imagem, porque é que durmo na calçada?  
Será que pedir a \_\_\_\_\_ entre os homens é pedir demais?!  
Porque é que sou discriminado se somos todos iguais?

Porquê?!

Porque é que os Homens se comportam como irracionais?  
Porque é que guerras e doenças matam cada vez mais?  
Porque é que a Paz não passa de ilusão?  
Como pode o Homem \_\_\_\_\_ com armas na mão?! Porquê?  
Peço perdão pelas perguntas que têm que ser feitas  
E se eu escolher o meu caminho, será que me aceitas?  
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei...  
Eu acredito é na Paz e no Amor...

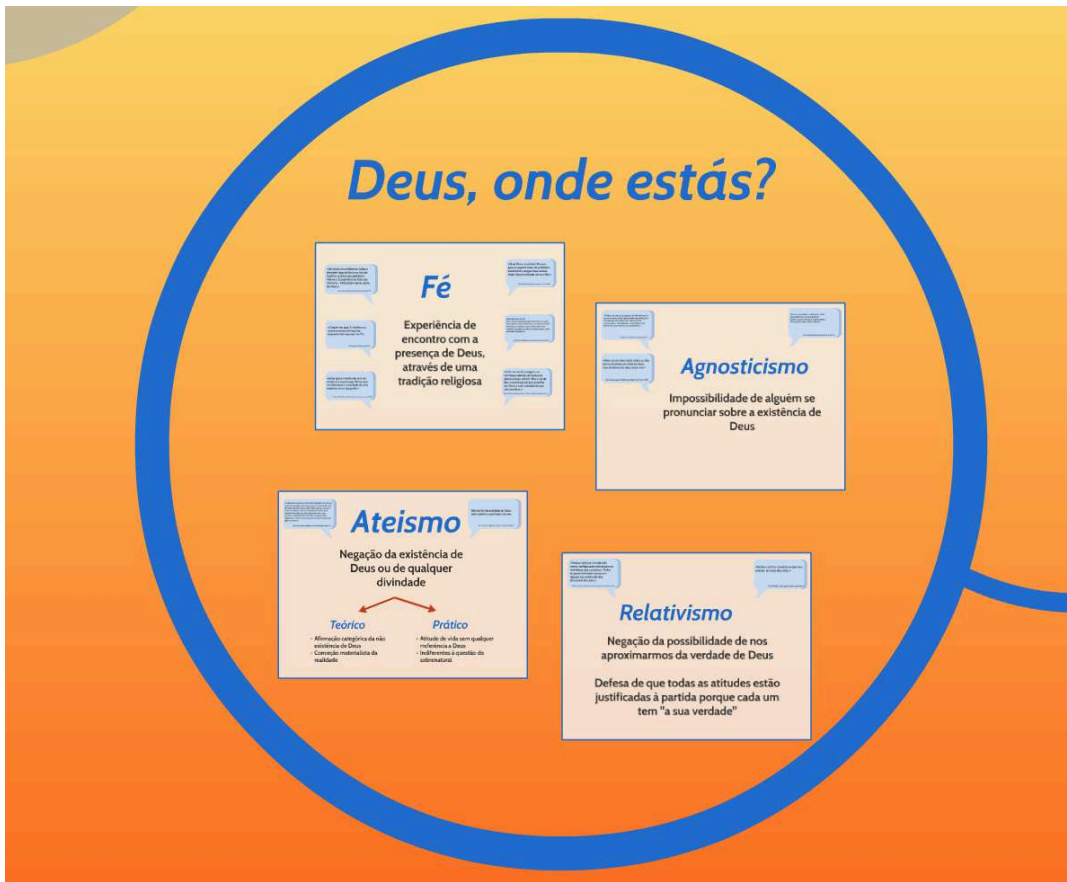
Por favor, não deixes o mal entrar no meu \_\_\_\_\_,  
Dou por mim a chamar o teu \_\_\_\_\_ em horas de aflição,  
Mas tens tantos nomes, és Rei de tantos tronos,  
E se o Homem \_\_\_\_\_ livre, porque é que só alguns são donos?  
Quem inventou o ódio, quem foi que inventou a guerra?

Às vezes, acho que o inferno é um lugar aqui na Terra,  
Não deixes crianças sofrer pelos adultos,  
Os pecados são os mesmos o que muda são os cultos,  
Dizem que ensinaste o Homem a fazer o \_\_\_\_\_,  
Mas no livro que escreveste, cada um só leu, o que lhe convém,  
Passo noites em branco quase sem dormir a pensar,  
Tantas \_\_\_\_\_, tanta coisa por explicar,  
Interrogo-me, penso no destino que me deste,  
E tudo que acontece é porque tu assim quiseste!  
Porque é que me pões de luto e me levas quem eu amo?  
Será que essa é a justiça pela qual eu tanto reclamo?  
Será que só percebemos quando chegar a nossa altura?  
Se calhar desse lado está a \_\_\_\_\_ mais pura.  
Mas se nada fiz, nada tenho a temer,  
A morte não me assusta, o que assusta é a forma de morrer...

Porque é que os Homens se comportam como \_\_\_\_\_?  
Porque é que há guerras, doenças matam cada vez mais?!  
Porque é que a Paz não passa de ilusão?  
Como pode o Homem amar com armas na mão? Porquê?  
Peço perdão pelas perguntas que têm que ser feitas  
E se eu escolher o meu caminho, será que me aceitas?  
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei...  
Eu acredito é na Paz e no Amor...

Quanto mais tento aprender, mais sei que \_\_\_\_\_,  
Quanto mais chamo o teu nome, menos entendo o que te chamei!  
Por mais respostas que tenha, a dúvida é maior,  
Quero aprender com os meus defeitos, acordar um homem  
melhor.  
Respeito o meu próximo para que ele me respeite a mim,  
Penso na \_\_\_\_\_ de tudo e penso como será o \_\_\_\_\_,  
A morte é o fim ou é um novo amanhecer?  
Se é começar outra vez, então, já posso morrer...

(Ao largo ainda arde, a barca da fantasia,  
o meu sonho acaba tarde,  
acordar é que eu não queria...)



**Fé**

**Experiência de encontro com a presença de Deus, através de uma tradição religiosa**

«Só existe um problema: voltar a descobrir que existe uma vida do Espírito, a única que satisfará o Homem. É urgentíssimo falar aos Homens... Necessitam tanto, tanto de Deus.»  
Antoine Saint-Exupéry (escritor francês do século XX)

«Hoje Deus é verdade! Passem para cá papel e tinta. Se preferem, escreverei a sangue esta notícia: Hoje, Deus é verdade como o Sol.»  
Sebastião de Guerra (poeta português do século XXI)

«Criaste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti.»  
Santo Agostinho (bispo do século IV)

«Para que serve crer? Vemos claramente para que serve não crer: para estar apenas sobre a terra, que é a menos estável de todas as moradas, e para nunca ouvir, em resposta às perguntas que o coração coloca, outra voz senão a própria.»  
André Frossard (jornalista e escritor francês do século XXI)

«Achar que o mundo não tem um criador é o mesmo que afirmar que um dicionário é o resultado de uma explosão numa tipografia.»  
Bergamini Frossini (jornalista e escritor brasileiro do século XXII)

«A fé um ato de coragem, na confiança radical, sem acesso à plena certeza radical. Mas o crente tem a convicção de que acreditar em Deus é mais razoável do que não acreditar.»  
António Borges (poeta português, filósofo e teólogo contemporâneo)

O ateísmo é uma opção filosófica de quem se assume responsável pelos seus atos e pela sua forma de viver, de quem dá valor à sua vida e à dos outros, de quem cultiva a razão e confia no método científico para construir modelos da realidade e de quem não remete as questões do bem e do mal para seres hipotéticos, nem para a esperança de uma existência após a morte.»

Associação Ateísta Portuguesa, [www.ateistaportuguesa.org](http://www.ateistaportuguesa.org)

# Ateísmo

Não tenho necessidade de Deus, nem saberia o que fazer com ele.

Jean-Paul Sartre (filósofo e escritor francês do século XX)

Negação da existência de Deus ou de qualquer divindade

## Teórico

- Afirmação categórica da não existência de Deus
- Conceção materialista da realidade

## Prático

- Atitude de vida sem qualquer referência a Deus
- Indiferentes à questão do sobrenatural

«Tenho consciência do sagrado, do mistério que há no ser humano, e não vejo por que não confessar a emoção que sinto diante de Cristo e do seu ensinamento... Sinto grande respeito diante de Cristo, mas não creio na sua ressurreição.»

Albert Camus (escritor francês do século XX)

«Não sou um ateu total: todos os dias tento encontrar um sinal de Deus, mas infelizmente não o encontro.»

José Saramago (escritor português do século XX)

# Agnosticismo

Impossibilidade de alguém se pronunciar sobre a existência de Deus

«Virou-se para Deus minha alma triste! Amortalhei na Fé o pensamento... E achei a paz na inércia e esquecimento... Só me falta saber se Deus existe!»

Antero de Quental (poeta português do século XIX)

«Toda a cultura é considerada como configuração natural para os indivíduos que a praticam. Todos os povos formulam juízos em relação aos modos de vida diferentes dos seus.»

Maria Lalator & André Marcon (investigadores contemporâneos)

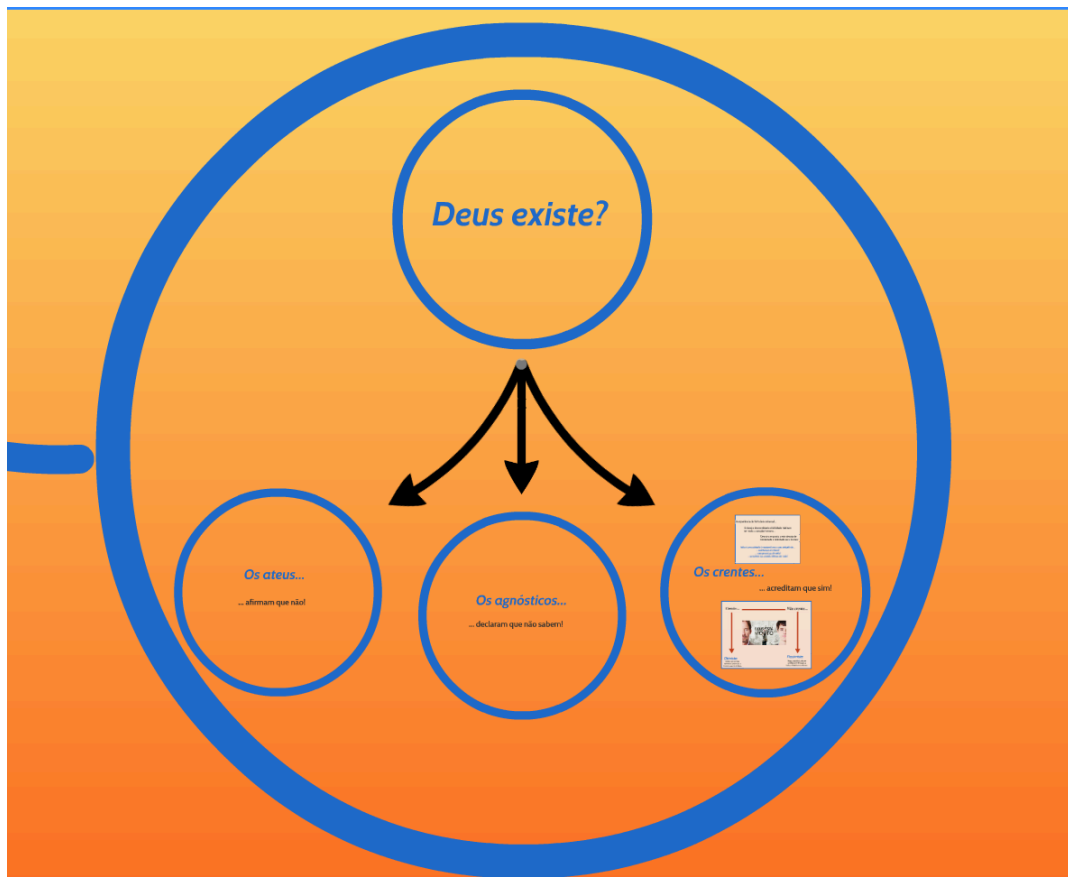
«Tenho a certeza absoluta de que não existem certezas absolutas.»

Paul Washer (advogado contemporâneo)

# Relativismo

Negação da possibilidade de nos aproximarmos da verdade de Deus

Defesa de que todas as atitudes estão justificadas à partida porque cada um tem "a sua verdade"



A experiência de finitude é universal...

O desejo de eternidade e felicidade habitam em todo o coração humano...

Deus é a resposta a este desejo de eternidade e felicidade sem limites!

*Não é uma atitude irracional mas uma atitude de...  
... confiança em Deus!  
... compromisso de vida!  
...acreditar no sentido último da vida!*



## Os crentes...

... acreditam que sim!

Crete... ————— Não crete...



**Otimista**

Atribui um sentido definitivo à pessoa e à História a partir de Deus.

**Pessimista**

Nega a existência de um sentido definitivo para a vida, a História e o universo.

Recurso IV – Materiais pedagógico-didáticos utilizados na segunda aula.

**EM QUE VOCÊ ACREDITA?**

GRAÇA FILMES APRESENTA

# DEUS NÃO ESTÁ MORTO

1000'S NOT DEAD

KEVIN SORBO SHANE HARPER DAVID A. WHITE E DEAN CAIN  
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE NEWSBOYS, WILLIE E KORIE ROBERTSON

**Até onde você iria para provar sua fé?**  
Em seu primeiro dia na universidade, o estudante Josh Wheaton (Shane Harper) tom sua fé desafiada, diante de todos os seus colegas, na aula de Filosofia. O pretensioso professor Radisson (Kevin Sorbo) não quer perder tempo com tolices e orienta seus alunos, categoricamente, a negarem a existência de Deus. Josh encontra-se dividido ao ter de escolher entre sua crença e seu futuro. Angustiado, ele não cede às pressões, provocando a ira do professor. Agora, Josh terá de defender a existência de Deus para toda a classe. Sem muito apoio, ele questiona se, de fato, pode lutar por aquilo em que acredita.

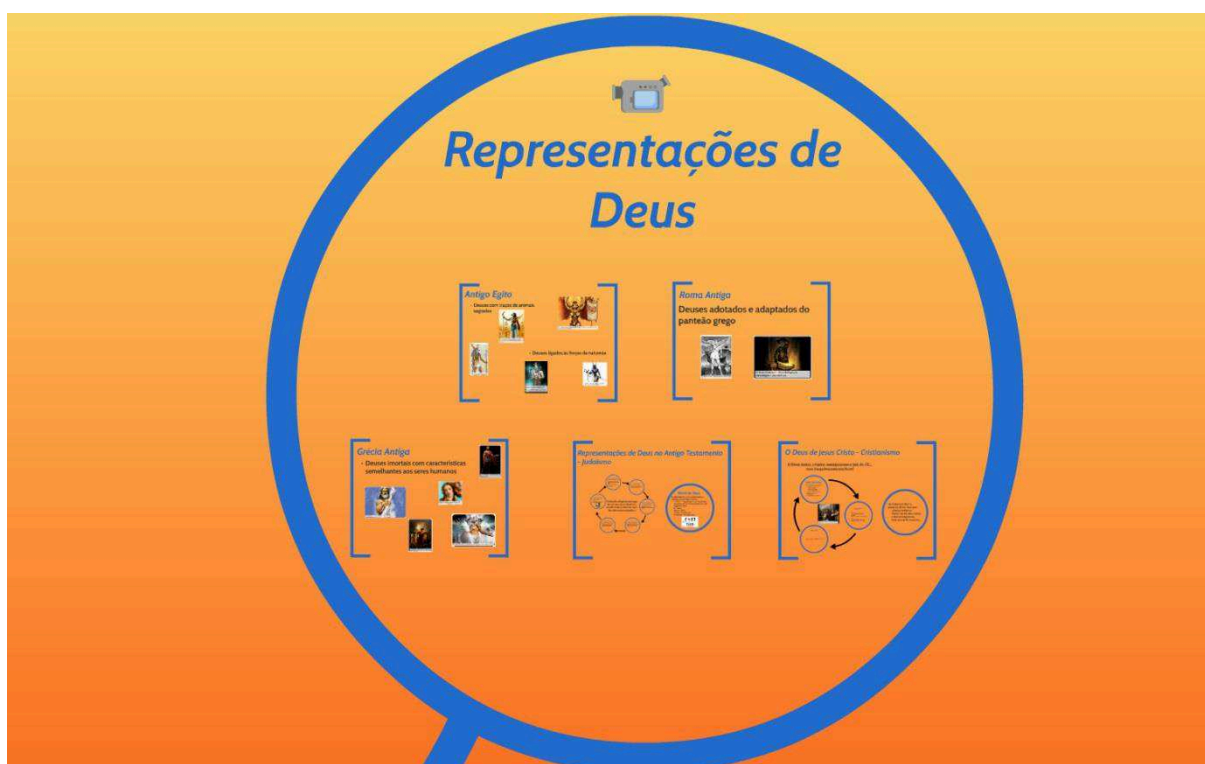
"UMA PODEROSA FERRAMENTA DE EVANGELISMO, QUE LEMBRA A CADA ESPERANÇOSO QUE OUIR, COM CERTEZA, NÃO ESTÁ MORTO!" - *Protestante.com*

FORMATO DE TELA	DURAÇÃO	AÚDIO	LEGENDAS	EXTRAS
16x9 Widescreen	113 min. aprox.	Inglês 2.0 Português 5.1	Inglês e Português	Trailer • Clipes musicais

www.gracafilmes.com.br    Telefone: (21) 2141-5100

CLASSIFICAÇÃO SINCRÉTICA: 10 - *Melhor idade*  
Não recomendado para menores de 10 anos.

GRAÇA FILMES



# Antigo Egito

- Deuses com traços de animais sagrados



Rá - deus-sol, reis dos deuses, pai da humanidade, protetor dos reis e dos mortos



Ísis - deusa lunar, rainha dos deus, grande deusa-mãe, deusa dos cereais e da fertilidade



Horo - deus do céu e do Sol

- Deuses ligados às forças da natureza



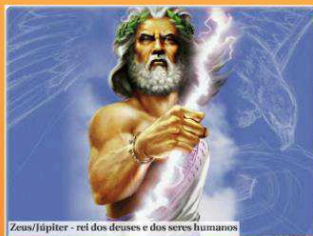
Osíris - protetor do mundo além-túmulo, deus da fertilidade e da vegetação, deus supremo do Egito ao lado de Rá, rei e juiz dos mortos



Anúbis - deus dos mortos, guardião de túmulos e de cemitérios

# Grécia Antiga

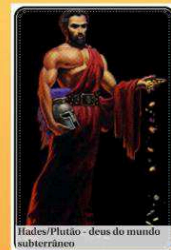
- Deuses imortais com características semelhantes aos seres humanos



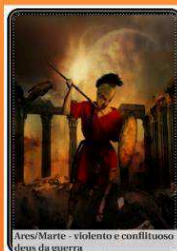
Zeus/Júpiter - rei dos deuses e dos seres humanos



Afrodite/Vênus - deusa do amor, da beleza e da fertilidade



Hades/Plutão - deus do mundo subterrâneo



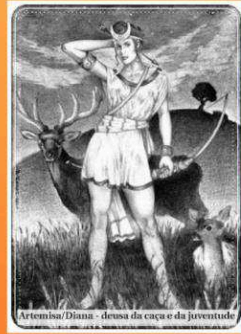
Ares/Marte - violento e conflituoso, deus da guerra



Poseidon/Neptuno - causador dos terremotos, senhor dos mares

# Roma Antiga

## Deuses adotados e adaptados do panteão grego

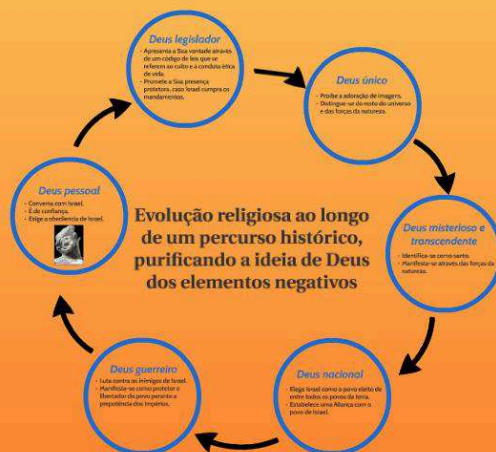


Artemisa/Diana - deusa da caça e da juventude



Hefesto/Vulcano - deus do fogo, da metalurgia e dos artífices

## Representações de Deus no Antigo Testamento - Judaísmo



### Nome de Deus

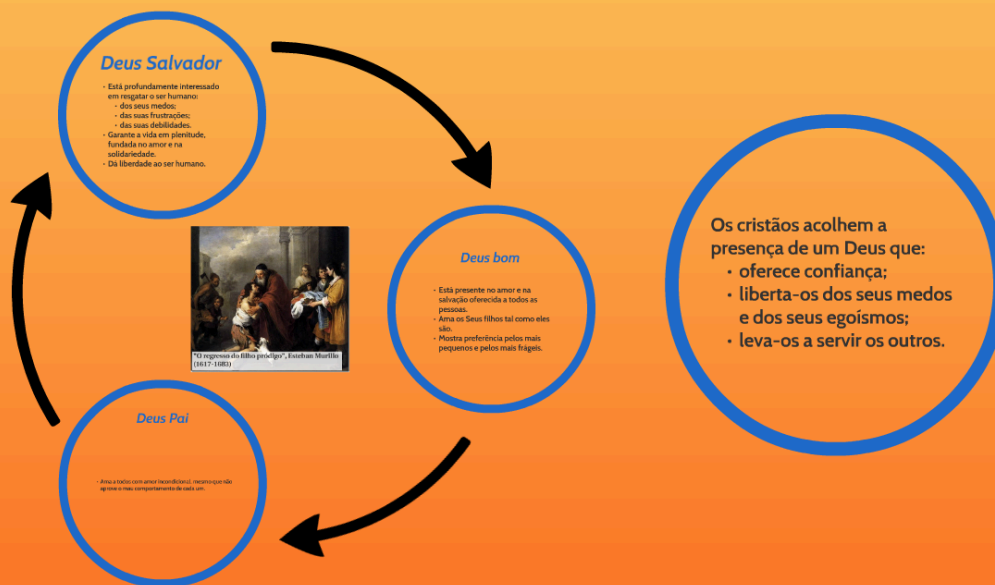
Multiplicidade de nomes, evidenciando as múltiplas características de Deus:

- "YHWH" - "Aquele que é" ou "Aquele que está presente" (nome não pronunciado por respeito a Deus)
- El - Deus
- Elohim - Deus
- Adonai - Meu Senhor
- El-Shaddai - Omnipotente

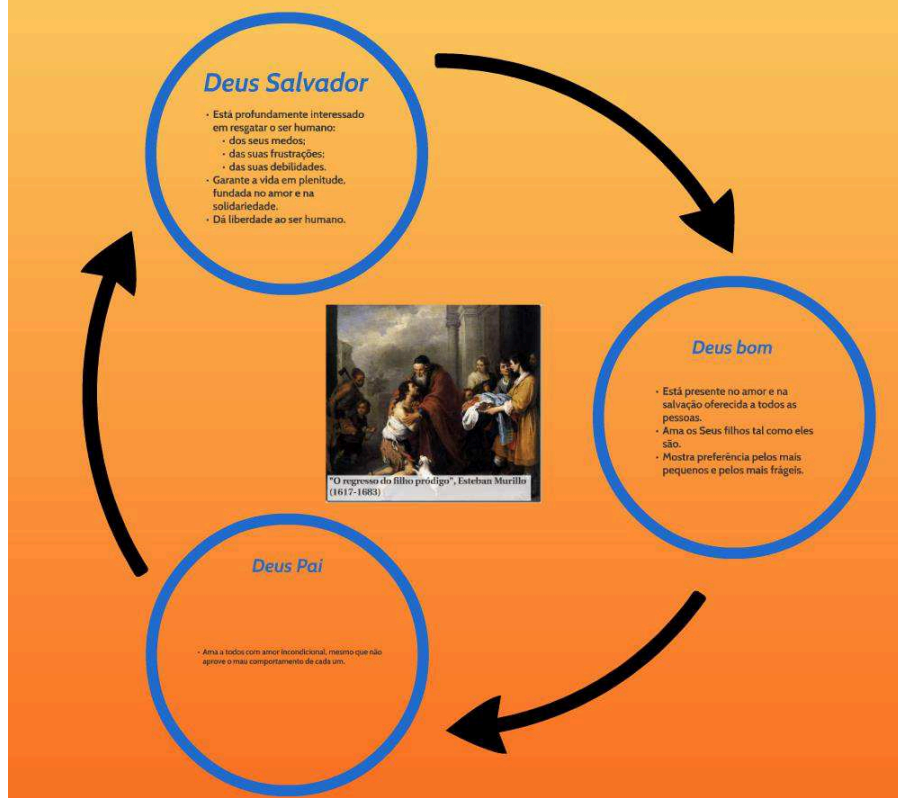


# O Deus de Jesus Cristo - Cristianismo

O Deus único, criador, onipotente e juiz do AT...  
mas inequivocamente bom!



# O Deus único, criador, onipotente e juiz do AT... mas inequivocamente bom!



## QUERO SER ALGO DE NOVO

Letra: Paulo Alves  
Música: Paulo Silva

Voz

Deus a - mou o ger - mi - nar da luz Deus cri -  
ou o céu, o mar e a ter - ra. Deu um ros - to à hu - ma - ni - da -  
de e a - pe - nas es - pe - ra - va o lou - vor!  
Mas al - guém fu - giu - ne - gou o ser, ma - tou o a - mor  
Cons - tru - iu mun - dos on - de o ter e - ra tu - do!  
Deus não de - sis - tiu, o seu so - nho é a vi - da,  
Por Je - sus, o Mes - si - as, vol - tei a ser fe - liz! Que - ro ser  
al - go de no - vo, ras - gar o tem - po e a - nun - ci - ar a es - pe -  
ran - ça e o fu - tu - ro Deus es - tá, 'stá a - qui  
Em ca - da um de nós! Que - ro ser -

XV Jornada Diocesana da Juventude - Lamego, 2000



Recurso VIII – Materiais pedagógico-didáticos utilizado na quinta aula.



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Nome \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_

**Fé com obras**

“De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano e um de vós lhes disser: “Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome”, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta.”



“Para se ser um cristão autêntico, não é suficiente acreditar e proclamar a fé com palavras. A fé e as obras são inseparáveis. O verdadeiro crente, age no seu dia a dia conforme aquilo que proclama e acredita. A fé sem obras é morta.

Tiago sublinha a necessidade de que a fé não permaneça apenas teórica, mas se manifeste de modo ativo e em obras.

A fé só faz sentido se transformar a vida, não só a vida de quem acredita mas também ajudar os irmãos na caridade. É esta a fé, que nos põe ao serviço de Deus e dos irmãos, que nos tornará vivos e felizes. A fé é viva quando se concretiza em obras. Quem não sabe amar a Deus e aos irmãos acabará por se dar conta de que atravessou a vida sem a saborear.”

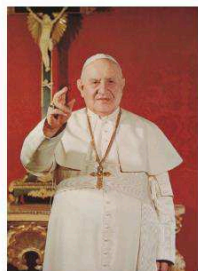
**Vidas com sentido**



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

**Instituições cristãs empenhadas no bem comum**



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

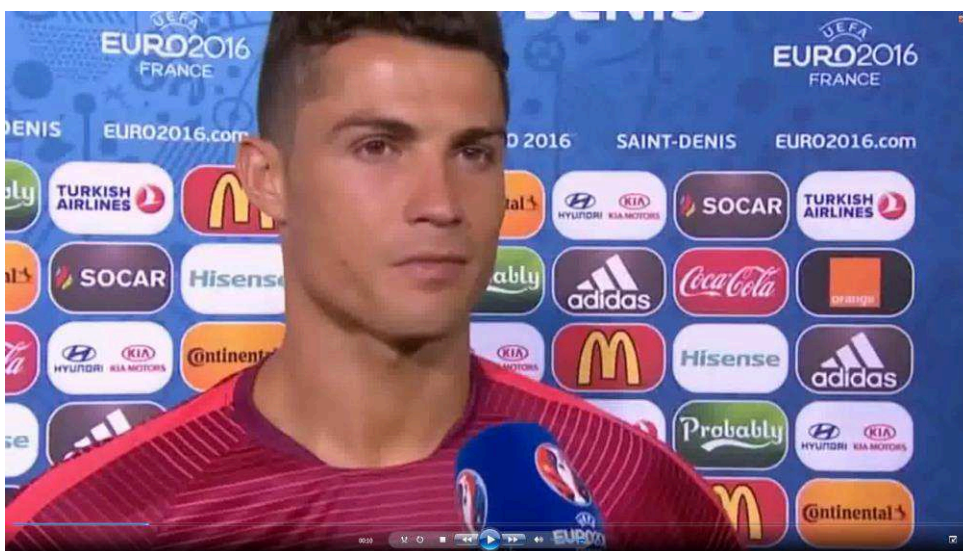
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Recurso IX – Materiais pedagógico-didáticos utilizado na quinta aula.



**CHIARA Luce BADANO**

UNO SPLENDIDO DISEGNO

A BEAUTIFUL PLAN  
UN ESPLINDIDO DESIGNIO  
UN MAGNIFIQUE DESSEIN  
UM DESIGNIO MARAVILHOSO

*...mi sento avvolta in uno splendido disegno  
che poco a poco mi si svela.*

**CHIARA Luce BADANO**

Il mare e la montagna. Lo sport e gli amici. Grandi ideali e una fede genuina.  
E' il mondo di Chiara Badano. **A** 18 anni un male incurabile la costringe però a letto.  
**P**erde l'uso delle gambe. Ma non il sorriso. La sua corsa verso il Cielo non si ferma  
neanche un istante e coinvolge chi le sta vicino. **L**uce la chiamano.

REGIA: MARIA AMATA CALO'  
SCENEGGIATURA: GIANNI BIANCO MARIA AMATA CALO' SALVATORE TOMAI  
TESTI: GIANNI BIANCO  
FOTOGRAFIA E MONTAGGIO: LORENZO GIOVANETTI  
MUSICHE ORIGINALI: JUAN MARTIN ETCHEVERRY  
GRAFICA: ANDREA MONTICELLI

**Movimento dei Focolari**  
www.focolare.org

**FORMATO VIDEO**  
16:9 - 1.78

**AREA**  
Region free

**LINGUE**  
Italiano  
English  
Español  
Français  
Português (Brasil)

**DURATA**  
43'

**DOLBY DIGITAL**  
2.0

**Dolby Digital**  
DOLBY DIGITAL

**DVD**  
Video

REGIA: MARIA AMATA CALO'

*Recurso XI – Materiais pedagógico-didáticos utilizados na sexta aula.*





**Uma MARCA na tua vida!**

Agrupamento de Escolas de  
Tondela Tomaz Ribeiro

**Ficha de Avaliação - 9.º ANO**

Nome: ..... nº ..... Turma .....

Aval. \_\_\_\_\_  
Rubrica do Professor \_\_\_\_\_

☛ Após teres estudado durante as aulas de EMRC a Unidade Letiva: "Deus, o grande mistério", estás preparado para responder às seguintes questões:

1 – Assinala com V (verdadeiro) ou com F (falso) as seguintes afirmações:

1	A procura do Transcendente, da Divindade, do Sagrado, é uma realidade humana e universal.	
2	O ser humano não é um ser religioso.	
3	Acreditar e confiar em Deus não é uma atitude humana.	
4	A ordem do Universo é um convite a acreditarmos que tudo o que existe foi e é fruto da ação de um ser infinito e inteligente.	
5	O ateísmo afirma a existência de Deus.	
6	O agnosticismo considera que o conhecimento humano não tem qualquer possibilidade de aceder a Deus.	
7	Nas antigas culturas encontramos elementos religiosos/sagrados comuns: sacerdotes, lugares santos, objetos sagrados, rituais, histórias e livros sagrados.	
8	Os Romanos e os Gregos eram monoteístas.	
9	Deus é amor com misericórdia infinita para acolher a todos os que o escutam.	
10	A arte sacra tem um profundo sentido cultural, estético e espiritual.	
11	A iconografia é uma forma de arte da linguagem visual que nos pode remeter para o divino.	
12	Na sua origem, o verdadeiro sentido do ícone é o de uma imagem que nos leva a Deus.	

13	Deus é amor, mas não é mistério.	
14	Ser cristão é acreditar em Jesus, mas com fé, palavras e gestos.	
15	Quem se empenha no serviço aos outros, responde com o seu sim ao apelo de Jesus Cristo.	
16	S. João de Deus dedicou-se ao acolhimento de pessoas com doenças mentais.	
17	S. Vicente de Paulo foi um místico de fé profunda e um homem de oração que dedicou a sua vida aos ricos.	
18	Aristides de Sousa Mendes não obedeceu à sua consciência, para salvar a vida de 30000 refugiados, durante a II Guerra Mundial.	
19	Deus atua no mundo através das ações e do testemunho de pessoas que ousam confiar nele.	
20	Chiara Luce Badano não aceitou a sua doença e revoltou-se até ao fim da vida.	

Cotação:

Resposta certa - 5 pontos

Bom trabalho!

*Recurso XIII – Materiais pedagógico-didáticos utilizados na sexta aula.*



*Recurso XIV – Materiais pedagógico-didáticos utilizados na sexta aula.*

